

NÃO SERÁ DE ROUXINÓIS

(título provisório)

de Tennessee Williams

Tradução de Gisele Marion Rosa e Ivani C. Shewchenko

Revisão de

Dedicada à memória de
Clarence Darrow, O Grande Defensor,
cujas fronteiras mentais eram
os quatro cantos do céu.

PERSONAGENS

(por ordem de entrada em cena)

A VOZ DO LORELEI

SRA. BRISTOL

EVA CRANE

CANÁRIO JIM

DIRETOR do Presídio, Sr. Whalen

MARINHEIRO JACK

SCHULTZ, um dos guardas

BUTCH O'FALLON

RAINHA

JOE

MCBURNEY, um dos guardas

OLLIE

SWIFTY

GOLDIE, uma aparição

SHAPIRO

MEX

KRAUSE

CAPELÃO

REVERENDO HOOKER

GUARDAS, PRISIONEIROS, POLICIAIS

ABERTURA

O cenário é uma grande prisão norte-americana durante o verão de 1938. Não se trata de uma prisão em particular, porém as suas condições traduzem um retrato combinado de diversas prisões do país.

AUTO-FALANTE – “Este é o barco de passeio Lorelei, numa viagem de um dia em torno do Sandy Point. Partida às oito da manhã, retorno à meia-noite. Passeio, dança e entretenimento com Lorelei Lou e suas oito Lorelets! Já comprou seu bilhete, madame? Já tem o bilhete? Certo, é só isso. Estamos partindo neste momento. Estamos nos afastando da doca, senhoras e senhores. Agora, saindo do porto. O horizonte magnífico da cidade em contraste com a luz da manhã que nasce. Ainda está um pouco nublado em torno dos grandes edifícios no centro da cidade. Estão ouvindo aquele toque de sinos? Ele vem da Catedral de Saint Patrick. Os melhores carrilhões da América. São oito horas em ponto. O sol brilha como uma moeda de um dólar, um excelente dia, claro, quente, faz você sentir orgulho de estar vivo, sim, Madame! Ali está ela! Vocês podem vê-la agora, pessoal. Esta é a Ilha. Ainda está um tanto encoberta. Prestem atenção às enormes paredes de pedra. À prova de dinamite, à prova de fugas! Três mil e quinhentos homens lá dentro, pessoal, e muitos deles nunca vão sair! Minha nossa, vocês podem imaginar como é ficar trancado num lugar como esse até o dia do júízo final? Oh, oh!! Está chegando a orquestra, pessoal! Dançando, no deque superior! Dançando, pessoal! Lorelei Lou e suas oitos Lorelets! Dançando no último deque – dançando! – Dançando! – Dançando... (FADE.)

(Flash para o final da peça. A luz diminui com exceção de um foco sobre EVA, abraçada aos sapatos de JIM.)

AUTO-FALANTE: Ah, aqui está ela! Vocês podem vê-la agora, senhoras e senhores. Aqui está a Ilha! Um tanto encoberta nesta noite. Vocês enxergariam melhor se houvesse lua. Aquelas paredes são à prova de dinamite, à prova de fugas – Três mil e quinhentos homens lá dentro – alguns deles não sairão até o dia do júízo final. – Lá está a orquestra! – Dançando no deque superior, senhoras e senhores! Lorelei Lou e suas oito Lorelets! Dançando – dançando – dançando... (FADE.)

(Aumenta o volume da música. EVA derruba os sapatos e cobre o rosto com as mãos.)

BLACKOUT

PRIMEIRO ATO

Episódio 1

Locutor: “A srta. Crane procura trabalho.”

Um foco de luz ilumina o banco onde está sentada a SRA. BRISTOL, junto ao escritório do diretor da prisão. A SRA. B é uma matrona abatida, vestida de negro, com um cesto coberto por um guardanapo apoiado no colo. Com gestos nervosos, EVA entra pela direita e senta-se no banco.

Tensa, ela aperta um livro de bolso e olha para frente.

SRA. B: Seu chapéu!

EVA: Meu chapéu?

SRA. B: É, olhe!

EVA: Ai, meu Deus!

SRA. B: Pronto.

EVA: Obrigada!

(Com um lenço de papel que retira do cesto, a SRA. BRISTOL remove uma mancha do chapéu de EVA.)

SRA. B: São aqueles pombos, aqueles miseraveizinhos!

EVA: É verdade, eles nem ligam pra essas coisas.

SRA. B: E o seu chapéu é tão bonito.

EVA: Ah, já está bem velho. *(Recoloca o chapéu e derruba a bolsa.)*

SRA. B: Você está nervosa.

EVA: Tão nervosa que estou com vontade de gritar!

SRA. B: É por causa do seu marido?

SRA. B: Quem?

SRA. B: Que você está vindo aqui pra visitar?

EVA? Ah, não. Não, eu vim aqui por causa de um emprego.

SRA. B: Um emprego? Aqui?

EVA: É, sim. Ouvi dizer que estão com uma vaga aqui.

SRA. B: Mas você não acha que aqui é um lugar tremendamente depressivo pra trabalhar?

EVA: Não acho que seja. Não é uma prisão comum.

SRA. B: Não?

EVA: Não, dizem que é uma instituição modelo.

SRA. B: Uma instituição modelo!

EVA: Sim, dizem também que aqui tudo é feito cientificamente. Eles têm especialistas – em psicologia e sociologia e coisas assim, a sra. sabe!

SRA. B: Bem...

EVA: Antes se costumava dar punição pra um crime, mas hoje em dia é – reabilitação social!

SRA. B: Imagine só! Como você ficou sabendo disso?

EVA: Li tudo a respeito no Suplemento de Domingo!

(JIM passa pelo foco de luz.)

EVA *(Fica de pé num salto)*: Posso falar com o Diretor?

JIM: Sinto muito. Ele ainda não voltou. *(Entra no escritório.)*

EVA: Ah.

SRA. B: Meu filho está aqui. Era marinheiro. O nome dele é Jack.

EVA: Marinheiro?

SRA. B: É, ele era um dos garotos da Marinha do Tio Sam. Até se envolver com um certo tipo de mulher.

EVA: Que pena!

SRA. B: É, ela não passava de – uma puta ordinária! Me desculpe, mas era isso que ela era. Meu Deus!

(Ela coloca as mãos sobre o peito.)

EVA: O que foi?

SRA. B: Estou com umas palpitações horrorosas!

EVA: *(Fica de pé num salto.)* A sra. está doente? Vou buscar um pouco de água!

SRA. B: Não, obrigada, querida. Só preciso tomar meu comprimido de fenobarbital e vou ficar ótima num instante. *(STAGE BUSINESS.)* Ando sob muita tensão ultimamente, com o Jack na cabeça o tempo todo.

EVA: A senhora não devia se preocupar. Um dos guardas é cunhado da minha senhoria... foi através dele que eu soube dessa vaga... e ele diz que há menos problemas sérios aqui do que em outras penitenciárias do país. O Sr. Whalen, o diretor, é muitíssimo respeitado.

SRA. B: Bem, realmente espero que você esteja certa sobre a segurança do Jack. Mas eu ando me sentindo inquieta com as cartas dele. Especialmente a última. Foi ela que me perturbou mais. Não era nada parecida com aquelas cartas longas e maravilhosas que ele costumava escrever pra mim quando estava em alto mar. Foi rabiscada com uma letra tão ruim e... bem... soava tipo... *febril*, pra mim... O que é Klondike?

EVA Klondike? É um lugar no Alasca!

SRA. B: Foi o que pensei. Mas na carta do Jack, ele disse que foi mandado pra lá e era tão quente quanto o... bem, não vou dizer o nome!

EVA: Provavelmente é um daqueles esquemas de colonias.

SRA. B: Não, não acho que seja. Na verdade, tenho certeza de que não é. Ele disse que não deixariam ele escrever pra mim, se soubessem, então me mandou a carta escondido, por um dos rapazes.

EVA: Quanto tempo ele vai ter que ficar aqui?

SRA. B: Cinco anos!

EVA: Ah, não é tanto tempo.

SRA. B: Parece uma eternidade pra mim.

EVA: Provavelmente ele vai sair melhor e mais forte do que quando entrou.

SRA. B: Ah, não. Eles não conseguiriam fazer do Jack um rapaz melhor e mais forte do que já é. Não entendo nada disso, mas sei de uma coisa... o que quer que tenha acontecido, não foi culpa do meu filho!... E é isso que vou dizer pro diretor assim que entrar e olhar pra ele... estou esperando aqui já faz dois dias... ele nunca tem tempo!

EVA (*Levanta*): Não aguento esperar. Fico muito nervosa. Vou entrar e fazer aquele jovem me dizer quando o Sr. Whalen vai estar aqui.

SRA. B: Sim, faça isso! Diga pra ele quanto tempo estou esperando! E pergunte se o Jack... (EVA entra no escritório... a SRA. B afunda lentamente no banco, apertando o peito.) Oh, senhor...

(*O foco de luz muda do banco para o interior do escritório.*)

EVA (*Na porta.*): Me perdoe.

JIM (*Com um prolongado olhar sobre ela*): Pelo quê?

EVA: Por invadir dessa maneira. Mas não consigo ficar sentada mais tempo. Quando vou poder ver o Sr. Whalen?

JIM: A respeito de quê?

EVA: Um emprego.

(*JIM preenche papéis sobre um armário. Ele continua o trabalho enquanto fala.*)

JIM: Ele está fora, no momento. Vistoriando as instalações.

EVA: Ah. E isso demora muito?

JIM: Isso depende de quantas instalações ele está com vontade de vistoriar.

EVA: Ah.

JIM: Às vezes, vistoriar as instalações não significa realmente vistoriar as instalações. (*Com um ligeiro sorriso para ela.*)

EVA: Não?

JIM: Não. (*Amassa um papel.*) Conforme o caso, é uma expressão idiomática que significa duas cervejas no cômodo dos fundos do Tony, um tipo de bar não-oficial pros funcionários da prisão... Gostaria de se sentar?

EVA: Quanto tempo o senhor acha que eu vou ter que esperar?

JIM: Está uma tarde quente. Ele pode ter muitas instalações pra vistoriar e, também, pode não ter. As ações dele são bem imprevisíveis. Tá uma palavra boa.

EVA: Qual?

JIM: Imprevisível. Qualquer palavra com cinco sílabas é boa.

EVA: O senhor gosta de palavras longas?

JIM: É a minha especialidade. Tenho de usar muitas delas pra impressionar as pessoas com a minha erudição. Aí está mais uma!

EVA: Erudição?

JIM: Sim, só quatro, mas bem incomum. Retiro todas elas desse livro grande.

EVA: Um dicionário?

JIM: O *Webster* completo (*Fecha com um estrondo o armário e apóia-se nele.*) Como pode ver, sou uma das peças de exibição aqui.

EVA: É mesmo?

JIM: Devo dizer à senhorita que quando cheguei aqui era apenas um vigarista qualquer. Mas olhe pra mim agora. Estou lendo *O Declínio do Ocidente*, de Spengler, e sou o editor do mensário da prisão. Pergunte o que é um arqueopterix.

EVA: O que é isso?

JIM: Uma espécie extinta de pássaro-réptil. Esta é a última edição.

EVA (*Cada vez mais confusa.*): Do... quê?

JIM: D'O *Arqueopterix*. Nossa publicação mensal.

EVA: Por que tem esse nome?

JIM: Causa boa impressão. Sabe o que é um amaranto?

EVA: Não. O que é?

JIM: Uma flor que nunca morre. (*Levanta um livro.*) Cruzei com ela aqui. Um dos poetas clássicos compara o amaranto com o amor. Qual é a sua opinião sobre o amor?

EVA: Bem, eu... qual é a sua?

JIM: Não sei dizer. Comecei minha carreira atual com dezesseis.

EVA: Tão cedo.

JIM: Sim, o caso comum das más influências. E naquela idade, é claro... o amor é algo com que você sonha e, quando se olha no espelho na manhã seguinte, fica vermelho! (*Ri. Eva desvia o olhar, confusa.*) Diga, conhece aquela música?

EVA: Qual música?

JIM (*Com uma imitação lastimável.*): “Ah, é esse amor e somente o amor que o mundo procura!” Um cara cantou essa música à capela ontem à noite... Está no tom ?

EVA: Bem, eu... não exatamente.

JIM: Está inclinada a revelar as suas intenções?

EVA: Estou. Por exemplo, o que procuro é um emprego. E um novo par de meias.

JIM: Essas me parecem boas.

EVA: Elas estão em frangalhos!

JIM: Bem, talvez eu seja preconceituoso.

(EVA e JIM limpam a garganta simultaneamente.)

EVA *(Apanhando o jornal.)*: “Prisão: porta para a Oportunidade!”.

JIM: Isso, este é um dos meus melhores editoriais. Foi reproduzido pelo país todo – recebi dez anos de níqueis por escrevê-lo.

EVA: Níqueis?

JIM: Não tem nada a ver com dinheiro. Aqui níqueis significam bônus. Tempo eliminado da sua sentença por bom comportamento. Recebi cerca de dez anos em níqueis, removidos da minha ficha e a maior parte disso foi por elogiar a qualidade inspiratória da vida na prisão –

(Demonstrando timidez, a SRA. B, entra no escritório, agarrada à cesta.)

JIM: Olá.

SRA. B: Como vai o senhor? O sr. Whalen já chegou?

JIM: Não, ele ainda está vistoriando as instalações.

SRA. B: Ah, eu queria tanto falar com ele hoje. Eu sou – eu sou a mãe de Jack Bristol.

JIM: O marinheiro Jack?

SRA. B *(Avançando uns poucos passos.)*: Sim – sim. O senhor conhece o Jack?

JIM: Ligeiramente.

SRA. B *(Esforçando-se para falar.)*: Como vai o meu garoto?

JIM: Desculpe. Não tenho permissão pra prestar esse tipo de informação.

SRA. B: Ah.

JIM: É melhor a senhora falar com o sr. Whalen amanhã cedo.

SRA. B: A que horas, por favor?

JIM: Às dez.

SRA. B: Dez horas. O senhor poderia dar isto pra ele agora? *(Com cuidado ela coloca a cesta sobre a mesa.)* Receio que vão se estragar se não forem consumidos logo. São pro meu filho. *(Ela se vira lentamente e sai do escritório.)*

EVA: O senhor não poderia dizer alguma coisa que a tranquilizasse?

JIM: Não sobre o marinheiro Jack!

EVA: Por que não?

JIM: Ele já era – distúrbio de prisão.

EVA: O que o senhor quer dizer com isso?

JIM *(Tocando a testa)*: Enlouqueceu. É um tipo de doença ocupacional entre os sentenciados.

EVA: Mas no Suplemento de Domingo –

JIM: Eu sei. Eles entrevistaram a mim e ao diretor.

EVA: Vocês não falaram a verdade pra eles?

JIM: O que foi que Platão disse sobre a verdade? A verdade é – a verdade é – Gozado, não consigo me lembrar. Foi com o Suplemento de Domingo que você teve a idéia de arranjar trabalho aqui?

EVA: O jornal e a minha senhoria. O cunhado dela é o Sr. McBurney, um dos guardas da prisão.

JIM: Mac é um praça muito bom.

EVA: Como?

JIM: Isto quer dizer guarda aqui dentro. Aqui está um exemplo dos nossos cardápios. Ele mostra o que um sentenciado come todos os dias. Você pode ver como ele pode ser favoravelmente comparado com o menu de qualquer internato dos mais conhecidos. Tudo aqui é feito cientificamente. Nós temos um especialista em dietas. Calcula as calorias de tudo. Unidades de calor temporal – Olá, Sr. Whalen!

(WHALEN entra no escritório. Aparenta autoridade, é um tanto robusto, com fisionomia rude, porém bonita.)

DIRETOR: Olá, olá a vocês! *(Tira o casaco e lança-o para JIM.)* Um dia de vento, de vento e calor! *(Pisca para JIM, depois arrotta.)* Vistorias demais! *(Afrouxa o colarinho e a gravata.)* Me perdoe, senhorita, vou fazer um *striptease*! É, é um vento forte – parece que está vindo de um forno! Me lembra daqueles – *(Enxuga a testa.)* – maravilhosos biscoitos dourados que a minha mãe costumava fazer! O que é isto? *(Levanta a cobertura da cesta.)* Falando de biscoito e não é que me aparece nada mais do que uma bela fornada de biscoitos caseiros! Pegue um, senhorita – Jimmy!

(JIM apanha dois biscoitos.)

DIRETOR – Hum, você tem uma pata muito grande, Jimmy! *(Ri.)* Mostre o novo cardápio pra a srta. Diário de Notícias – ou ela é do Estrela da Manhã? Sente-se! Já vou falar com a senhorita – *(Por um momento, desaparece em um aposento anexo.)* Suar, suar, suar é tudo o que faço nestes dias quentes, com vento!

JIM *(Num sussuro.)*: Ele pensa que você é jornalista.

DIRETOR *(Reaparecendo.)*: Ligue aquele ventilador. Bem, agora, vamos ver –

EVA: Pra começar eu não sou –

DIRETOR: Provavelmente você veio aqui pra me questionar sobre a história daquele ex-sentenciado naquele maldito jornal sensacionalista lá do Condado de Wilkes – Aquele história de pegar pelagra aqui dentro – Jimmy, me apanhe aquele modelo de cardápio!

JIM: Ela não é repórter.

DIRETOR: Ah. – Qual é o seu trabalho, senhorita?

EVA *(Fala depressa, sem respirar.)*: O sr. McBurney, cunhado da minha locatária, me contou que vocês estavam precisando de uma nova estenógrafa e tenho certeza que sou capacitada pra função. Sou formada na faculdade, sr. WHALEN. Tenho três anos de experiência– as referências estão aqui – mas, oh – eu tive – eu tive uma sorte tão abominável nestes últimos seis meses – no último lugar em que trabalhei – chegou a recessão – eles tiveram que reduzir o pessoal de vendas – me deram uma maravilhosa carta de referência – estou com ela aqui – *(Abre a bolsa e derruba seu conteúdo no chão.)* Ai, meu Deus! Eu – quebrei meus óculos!

DIRETOR *(Com frieza.)*: Foi?

EVA: *(Levanta-se lentamente.)* O senhor poderia me dar essa vaga? – Por favor, estou –muitíssimo nervosa, eu – se eu não arranjar um emprego logo eu vou –

DIRETOR: O quê? Vai se jogar num precipício?

EVA: É, alguma coisa assim! (*Ela sorri, desesperada.*)

DIRETOR: Bem, senhorita – hã –

EVA (*Ansiosa.*): Crane! Eva Crane!

DIRETOR: Essa janela é chamada de “Saída Expressa”. É a única janela sem grades no prédio todo. Eu não preciso de grades. Ela fica bem em cima da baía. Então, se o que você tem em mente é suicídio, aquela janela está à sua disposição. Não, senhorita Crane. Na próxima vez que procurar emprego não arranje uma história triste. Os grandes executivos estão interessados é no valor do seu potencial, não nas suas– suas desgraças pessoais! (*Apanha um charuto.*)

EVA (*Virando-se para sair.*): Entendo. Então eu –

DIRETOR: Espere um minuto.

EVA: Pois não?

DIRETOR: (*Mordendo e cuspiendo a ponta do charuto.*) Existe apenas um prerequisite pra trabalhar neste escritório. O Jimmy vai explicar o que é.

EVA (*Virando-se para JIM*): O que é?

JIM: A capacidade de manter a sua boca sempre fechada, exceto quando receber instruções específicas pra falar!

DIRETOR: Acha que pode fazer isso?

EVA: Posso.

JIM: A lancha sai da doca às sete e quarenta e cinco da manhã.

EVA: Obrigada... Sim, *obrigada!* (*Vira-se rapidamente e sai, cega de felicidade.*)

DIRETOR: O que achou dela, Jimmy, meu garoto? Legal, não é?

JIM: Sim, senhor.

DIRETOR: Sim, senhor! Tonta pra caramba... Mas tem um corpinho que abalaria os muros de uma Penitenciária Federal! (*Explode em uma gargalhada repentina.*)

DIM OUT

Episódio 2

Locutor: “Marinheiro Jack”.

*Música tema: “Auprès de ma Blonde.”*¹NT FADE

Foco de luz em uma das celas. As luzes elétricas do corredor lançam a sombra das grades pelo chão. A cela está vazia, exceto pela figura do MARINHEIRO JACK, curvado em um banco com a

¹NT Antiga canção folclórica francesa. (algumas interpretações: <http://www.youtube.com/watch?v=C9xCSI26DVc>
<http://www.youtube.com/watch?v=PNUT8Bgt--E>
http://www.youtube.com/watch?v=G8HA_IviEE0&feature=Playlist&p=5D502650CD0E7D86&playnext=1&playnext_from=PL&index=5)

sombra das grades projetada sobre ele. O rosto tem o olhar vago de um esquizofrênico e ele está murmurando inaudivelmente para si mesmo. O som de sua voz aumenta...

MARINHEIRO JACK: Onde? Port Said!... E não era um deles, mas iam fazer a mesma coisa eles mesmos se tivessem a metade da chance. (*Começa a cantar com a voz rouca.*)

Après de ma blonde (Junto da minha loura)

Il fait bon, fait bon, fait bon! (É bom, é bom, é bom!)

Après de ma blonde (Junto da minha loura)

qu'il fait bon dormir! (É tão bom dormir!)

Sem chance de promoção, né?? Que que você ia dizer se eu te dissesse que eu era o almirante de toda aquela porcaria de navio? (*Ri*)

Je donnerai Versailles, (Entregarei Versailles,)

Paris et Saint Denis... (Paris e Saint Denis...)

(Ouvem-se alguns sons: um apito agudo no corredor e pés se arrastando: a porta da cela se abre com um som agudo. JOE, BUTCH e RAINHA entram.)

SCHULTZ: Luzes apagadas em cinco minutos.

BUTCH: Ahh, seu veado, vai tocar essa maldita buzina longe daqui. Devem pensar que tão dirigindo uma fábrica cheia de escravo, essa coisa de fazer hora extra. Deixe o trabalho pronto ou volte depois da janta. A porcaria da máquina ficou emperrada. Sabotagem pura, ele disse. Queria era sabotar a cara dele. (*Para RAINHA.*): Que que aconteceu com você de manhã?

RAINHA (*com uma voz aguda de tenor*): Senti uma dor horrível na parte de trás do meu pescoço e surtei. Quando voltei a mim, estava no hospital. Estavam enfiando uma agulha no meu braço... Me diz! O que significa quatro mais?

JOE: Cristo! Isso significa...

BUTCH: Boca calada!

RAINHA: É coisa ruim?

JOE: A gente tá em excelente companhia, Butch. Um lunático e um caso de sífilis!

RAINHA: Sífilis?

(Ouve-se um som do apito: as luzes se apagam no corredor.)

RAINHA: Não! (*Tenta dar risada.*) Não quer dizer isso!

MARINHEIRO: *Après de ma blonde*

Il fait bon, fait bon, fait bon!

Après de ma blonde...

SCHULTZ: Chega de barulho aí dentro! A luz já tá apagada.

BUTCH: Maldição, não vê que ele tá louco?

JOE: Tá, sim, tira ele daqui!

SCHULTZ: Ele tá fingindo.

MARINHEIRO: *Je donnerai Versailles,*

Paris et Saint Denis...

SCHULTZ: Se você for de novo pra Klondike, Marinheiro, não vai ser com passagem de ida e volta!

BUTCH: Foi a Klondike que deixou ele assim. Ele tá delirando desde que você levou ele lá pra cima. Você deve ter torrado os miolos dele lá, Schultz.

MARINHEIRO: *La Tour d'Eiffel aussi!* (A torre Eiffel também!)

SCHULTZ (*Batendo nas grades.*): Boca fechada todos vocês! Mais um piu e eu chamo o pelotão armado!

RAINHA: Sr.Schultz!

SCHULTZ: Que?

RAINHA: O que significa quatro mais?

(SCHULTZ *ri e sai.*)

BUTCH: Se eu não tivesse medo de perder todo o meu níquel, eu esticava o braço e agarrava o maldito. Ia chacoalhar o cérebro de ervilha dele e jogar no chão como um par de dados. O problema é que aqui você tem que escolher seu homem. Se eu apagar um guarda, nunca vou ter chance de pegar o chefe. Que horas são?

JOE: Dez e meia.

BUTCH: O Mac entra no serviço agora.

JOE: Você acha que ele tira o Marinheiro daqui?

BUTCH: Vou pedir pra ele.

RAINHA: Não. Não pode ser tão sério ou iam me deixar no hospital. É só indigestão. Foi o que eu disse pra eles, disse que a comida não estava boa. Não caiu bem no meu estômago. Macarrão, macarrão, macarrão! Eu disse que já já não aguento mais comer macarrão. MARINHEIRO: *Auprès de ma blonde*

Il fait bon, fait bon, fait bon!

Auprès de ma blonde

qu'il fait bon dormir!

(BUTCH *lhe dá um golpe com o punho.*)

JOE: Por que você fez isso?

BUTCH: Você quer se enrolar com o esquadrão armado por causa dele? (*Soa um apito: as portas se fecham.*) Estão trocando de turno agora. (*Vai até as grades da cela*) Quem é? MacBurney?

MAC: O que você quer, Butch?

BUTCH: Por Deus, tira o garoto daqui.

MAC: Que garoto?

BUTCH: O Marinheiro Jack. Ele tá com distúrbio de prisão desde que levaram ele pra cima na terça da semana passada.

21

MAC: (*À porta.*) Como ele está?

BUTCH: Tá bem agora. Eu tive que acertar ele.

MAC: O que eles falaram pra você a respeito de maltratar os rapazes?

BUTCH: Maltratar? EU? Imagine! – Pergunta pro Joe, pergunta pra qualquer um, pergunta pro Canário – o garoto ficou doido – o Schultz ia chamar o esquadrão_armado pra jogar nós todos na Klondike porque ele não parava de cantar aquelas canções francesas sujas! Não foi isso, Joe?

JOE: Claro, Mac

(*Assobio.*)

MAC: Onde estão as coisas dele?

BUTCH: Aqui. Eu arrumei tudo direitinho.

MAC: Bem, não foi por minha culpa. Ele devia ter feito o serviço dele na oficina.

BUTCH: Ele fez a parte dele bem feita.

JOE: Aquele garoto trabalhou duro.

MAC: Não foi duro o suficiente pra agradar o Chefe. (*Entram alguns guardas.*) Tudo certo, levem ele daqui. Coloquem ele na solitária esta noite e cuidem dele amanhã.

RAINHA: Sr. McBurney, o que significa quatro mais? Sr. McBurney –

(*MAC sai com os guardas que carregam MARINHEIRO. Ouvem-se gorjeios de pássaros no corredor.*)

VOZ (*No corredor.*) Boa noite, Mac.

MAC: Boa noite, Jim.

BUTCH: Quem foi esse? Allison?

JOE: É. Foi o Canário.

MARINHEIRO (*Do corredor.*): “*Auprès de ma blonde Il fait bon, fait bon, fait bon!*

(*O som perde a intensidade.*)

BUTCH: Ei, Canário! Allison!

(*O foco de luz se movimenta para iluminar a cela de Allison.*)

JIM: O que você quer, Butch? (*Tirando a camisa e os sapatos.*)

BUTCH: Na próxima vez que você tiver numa conferência com o Chefe, fala pra ele que os Anjos da Ala C colocaram mais uma marca preta no nome dele pelo que aconteceu com o Marinheiro Jack.

JIM: Vou falar.

BUTCH: Fala pra ele que um dia destes a gente vai formar uma comissão especial de um pra descer lá e acertar a contagem. – Tá me ouvindo, Dedo-Duro?

JIM: Estou, sim.

BUTCH: Pensa nisso – eu costumava ser companheiro de cela dele. De noite eu fico acordado, me arrependendo de todas as vezes que eu tive a chance de rebentar a cabeça dele – mas não rebentei!

JOE: Por que não?

NÃO SERÁ DE ROUXINÓIS
RASCUNHO 01 OUT

BUTCH: Isso foi antes dele começar a trabalhar pro chefe. Mas agora ele é o número três na Lista dos Anjos. Em primeiro lugar tá o WHALEN, depois o Schultz e depois o Dedo-Duro! Ouviu essa, Dedo-Duro?

JIM: Ouvi, sim, Butch. (*Enrola e acende um cigarro.*)

BUTCH: Bom. Estou satisfeito que você ouviu.

JIM: Eu sei que você está satisfeito.

JOE: Que foi que ele falou?

BUTCH: Ele falou que sabe que eu estou satisfeito.

JOE: Ele tem que saber. Eu estranho como ele não fica doido também. Ninguém fala com ele a não ser o Ollie.

BUTCH: Ele vai ficar doido um dia destes, se eu não pegar ele primeiro. Ouviu essa, Dedo-Duro? Eu disse que você vai ficar doido um dia destes, que nem o Marinheiro Jack – eu tô torcendo pra isso acontecer.

JOE: Que foi que ele falou?

BUTCH: Nada. Ele tá fumando lá dentro.

JOE: A gente tem que avisar eles.

BUTCH: Não, eu nunca delatei ninguém. Nem mesmo aquele Dedo-Duro.

RAINHA: Allison! Ei! Jim! O que quer dizer quatro mais?

JIM: Quem ganhou quatro mais?

RAINHA: Eu. O que isso quer dizer, Jim?

JIM: Quer dizer que a sua condição física está quatro pontos acima de perfeita.

RAINHA (*Aliviado.*) Ah. Aqueles degenerados me deixaram numa preocupação danada!.

BUTCH: (*Subindo em um banco junto à janela.*) Alarmes de nevoeiro. Lá fora tá escuro que nem breu -- Ouçam!

JOE: O quê?

BUTCH: Um barco de passeio.

JOE: Qual deles?

BUTCH: O Lorelei.

JOE: Olha lá as luzes dele, olha. Vermelho, branco, verde, amarelo!

BUTCH: Tá ouvindo aquela orquestra?

JOE: O que eles tão tocando?

BUTCH: “Rosas da Picardia!”

JOE: Essa é bem velha.

BUTCH: Foi sucesso no ano que eu fui preso. Nossa, eu me lembro quando dançava aquela música. No Salão de Bailes Princesa. Com a Goldie. Ela pedia essa música toda vez que eu levava ela pra pista. A gente tava dançando ela na noite que me agarraram. Na saída—bem na catraca – seis fortões me agarraram – seis – precisaram de seis – o furgão tava esperando no meio fio.

JOE: Na última vez era quatro fortões. Você tá ficando menos conservador, Butch.

BUTCH: “Rosas da Picardia”.²NT Eu queria dançar essa música de novo. Com a Goldie.

JOE: Vai ver que foi ela que dedurou você.

BUTCH: Não. Não a Goldie. Aposto que aquela garota ainda tá arrastando um bonde por mim.

JOE: Pode ficar na ilusão, Butch, se isso te consola. Mas eu aposto que se a Goldie ainda tá arrastando todos os bondes que ela arrastou antes e depois de você ser preso, ela ia formar uma frota maior que a da prefeitura!

RAINHA: Onde está o meu estojo de manicure?

BUTCH: Eu fico imaginando se um cara ainda presta com sessenta anos.

JOE: Como assim?

BUTCH: Você sabe. Com as mulheres.

JOE: Imagino que isso depende do cara.

BUTCH: Eu vou tá bem ainda. Mas vinte anos é muito tempo pra esperar.

RAINHA: Alguém viu meu estojo de manicure?

BUTCH: Você sabe que tem uma janela no escritório do Chefe WHALEN que dá prum cara pular direto pra baía?

JOE: É. A Saída Relâmpago.

BUTCH: Tava pensando que seria uma boa maneira de matar dois coelhos com uma paulada só. Sumir com ele e pular por aquela janela pra fugir. Mas você tem que saber nadar bem. Que eu, eu não sei dar uma braçada. Queria era ter aprendido nadar antes de vir parar aqui.

JOE: Não ia dar certo. Ninguém nunca nadou ali antes.

BUTCH: Queria tentar. Dizem que algumas pessoas nadam instintivamente como patos.

JOE: Você se ia se arriscar a fazer isso?

BUTCH: Não. Tenho medo de água.

RAINHA (*Agitado.*): Coloquei aqui na noite passada. Butch, você não viu?

BUTCH: O quê?

RAINHA: Meu estojo de manicure.

BUTCH: Foi junto com a lata de lixo.

RAINHA: Por que você fez isso?

BUTCH: Esse lugar tava fedendo. Um cheiro de banana estragada... O que é isso na cama do Marinheiro Jack?

JOE: Um pacote de cartas da mãe dele.

BUTCH: Ah.

JOE: Da última vez, ela disse que tava vindo de Wisconsin pra ver ele.

RAINHA: Por toda minha vida tenho sido perseguida por ser refinada.

BUTCH: Alguém devia ter dito pra ela como o Marinheiro está.

²NT De Haydn Wood, do filme *L'été meurtrier*, com Isabelle Adjan.

JOE: Bem, ela vai descobrir.

RAINHA: É porque sou sensível que sou perseguida a minha vida inteira.

BUTCH: É, ela vai descobrir.

RAINHA: Às vezes eu queria estar morta. Oh Deus, Deus, Deus! Eu queria era estar morta!

(Tema musical inicia. FADE.)

BLACK OUT

Episódio Três

Locutor: “O Prognóstico”

Um foco de luz surge no escritório do DIRETOR. Ele está olhando um formulário de apostas de corridas quando EVA CRANE, sua secretária, entra.

DIRETOR *(Pegando o telefone e discando)*: Como está a corrida, Bert? Rápida? Certo. Quero vinte pratas no Ventania Azul.. *(Desliga)*. Alguém lá fora?

EVA: Sim. Aquela senhora.

DIRETOR: Que mulher?

EVA: Aquela de Wisconsin. Ela ainda está esperando...

DIRETOR: Eu te disse que eu... *(A mãe do Marinheiro Jack entra silenciosamente. Carrega um pacote caprichadamente embrulhado em um papel marrom... sorri acanhada para o DIRETOR.)*

SRA B.: Me perdoe, eu ... eu tomei a liberdade de ir entrando. Espero que o senhor não se importe. Olhe, sou a mãe do Jack Bristol e estou esperando há muito tempo pra poder falar com o senhor sobre... sobre o meu menino!

DIRETOR: Sente-se. Tenho pouco tempo.

SRA B.: Não vou tomar muito do seu tempo. Pra começar, Sr.WHALEN, nunca acreditei que o júri agiu certo quando deu três anos pro Jack. Mas está feito agora. Tenho que olhar pro futuro.

DIRETOR: Sim, o futuro... está certo.

SRA B.: Não tenho recebido notícias do Jack, recentemente. Ele me escrevia uma vez por semana, até bem pouco tempo.

DIRETOR: Muitos dos rapazes ficam descuidados com a correspondência.

SRA B.: Durante dois anos não passei uma semana sem uma carta dele. Então, de repente, um mês atrás elas pararam de chegar. Naturalmente, fiquei muito aflita.

DIRETOR: Jim!

JIM: Sim, senhor?

DIRETOR: Cheque o rapaz chamado Bristol.

SRA B.: Muito obrigada, eu... eu vim de tão longe, de Wisconsin.

DIRETOR: Viagem longa, hem? Wisconsin, onde produzem aquele queijo de excelente qualidade.

SRA B.: Sim, lá temos muito orgulho de nossa produção de laticínios. (*Ansiosa ela procura por JIM, que se dirigira aos arquivos, devagar, como se quisesse ganhar tempo*)

DIRETOR: Eles produzem os melhores queijos desse lado da Suíça. Sim, senhor!

SRA B.: A última carta do Jack estava estranha. Eu...eu tenho ela comigo. Não parece nada com o Jack. Ele não foi transferido pra nenhuma outra prisão, não é? Porque ele ficou reclamando a carta toda sobre um lugar tão terrivelmente quente chamado Klondike. A letra dele sempre foi meio irregular, mas dessa vez estava tão ruim que mal pude ler a carta... penso que ele não podia estar bem quando escreveu... uma febre, sabe? Ele é bem vulnerável pra resfriados, principalmente nessa época do ano. Eu... eu trouxe essa manta de lã comigo. Pro Jack. Sei que não é fácil, sr. Whalen, fazer uma exceção em instituições como esta. Mas nesse caso do Jack tem muitas, mas *muitas* implicações... tantas, que me arrependo quando olho pra trás, pra coisas... erros que cometi...

DIRETOR: Erros, é, todos nós cometemos erros.

SRA B.: Erros tão *graves*, Sr. Whalen. Nosso lar, veja, não era de todo um lar feliz. O pai de Jack... bem, era ministro metodista e seus pontos de vista eram diferentes da maioria dos rapazes...

DIRETOR (*Sorrindo cinicamente.*): Filho de pastor?

SRA B.: Sim! Mas um tempo atrás houve um desentendimento na congregação e meu marido foi forçado a se aposentar.

DIRETOR (*Impaciente.*): Sei. Estou muito ocupado, eu... (*para JIM*): Achou a ficha?

JIM (*Esquivando-se*): Ainda não.

SRA B.: Ele era tão... tão intransigente, até mesmo com o pobre Jack. Então, Jack saiu de casa. Claro que foi contra a minha vontade, mas ... (*Abre a bolsa e exhibe um maço de cartas.*) Ah, essas cartas maravilhosas que ele escreveu! Se o senhor as lesse veria que menino excepcional que o Jack era. Port Said, Marseilles, Cairo, Shangai, Bombaim! "Puxa, mãe, é tão grande, tão exageradamente grande," ele escrevia. Era como se ele estivesse tentando espremer tudo aquilo em seu coração até que a grandeza o partisse em pedaços! Veja! Estes envelopes! Dá pra ver que estavam tão cheios que quase não dava pra fechá-los! Fotos dos lugares também! Elefantes na Índia. São usados como cavalos de carga, ele me disse, pro trabalho comum. Os pequenos junkets chineses tem velas quadradas. Eles voam por ai feito libélulas sobre a água. A baía de Rangun.^{3NT} É onde o sol se levanta como trovão, escreveu ele no verso desta aqui! Kipling, o senhor sabe – eu escrevia pra ele constantemente – “Jack, não há futuro nessa vida. Um marinheiro vai ser sempre um marinheiro. Saia dessa vida, filho. Entre no Serviço Público!”. Ele me respondeu – “Na noite passada, fiquei de prontidão no turno intermediário. A gente enxerga mais estrelas aqui do que nos mares do norte. O Cruzeiro do Sul está bem em cima de mim no momento, mas não vai ser por muito tempo – porque nosso curso está mudando –“ e então eu parei de me opor, pensei que qualquer coisa que ele amasse tanto quanto aquilo com certeza o manteria a salvo. E depois ele não escreveu por um tempo – até que chegou esta. Ainda não consigo entender! Ele mencionou uma garota – falou que não foi culpa dele, eu sei que não foi – se eu pudesse convencer o senhor disso - -!

DIRETOR: Não adianta, madame! A senhora poderia falar até com a lua. Ele teve a chance dele.

SRA. BUTCH: Mas no caso do Jack --!

DIRETOR: Eu sei, eu sei. Já ouvi tudo isso antes. Jim, você encontrou aquela ficha?

³NT Também conhecida como Iangon, é a maior cidade e antiga capital de Burma, hoje Ianmar ou Birmânia.

JIM (*Caminha lentamente com um cartão dos arquivos.*): Seria melhor o senhor mesmo ver.

DIRETOR: Leia ele, leia! Por acaso isto é uma agência do serviço social?

(JIM *olha com indecisão para a SRA. BRISTOL. Ela levanta a mão fechada até o peito.*)

SRA. BUTCH: Se aconteceu alguma coisa errada, eu gostaria de saber.

JIM: (*Lê com voz rouca.*) “Jack Bristol. Roubo. Condenado em maio de 1936. Sentenciado a três anos.” (*Olha para cima.*) Ele foi negligente no trabalho. Passou três dias na Klondike.

DIRETOR (*Num tom de voz ríspido.*): Isso está na ficha?

JIM: Não, mas eu quis explicar pra esta senhora o que aconteceu.

SRA. B (*Levantando-se lentamente*): O que aconteceu?

JIM: A senhora sabe, madame –

DIRETOR (*Num tom ríspido.*): Leia o que está na ficha, só isso!

JIM: “Passou pelo comitê de insanidade, maio de 1938, transferido para a ala de psicopatia. Violento. Ilusões. Prognóstico – Dementia Praecox” –

(*Pausa.*)

SRA. B: : Esse não é – Jack – o meu filho!

DIRETOR: Agora a senhora veja – eu – (*Faz um sinal para JIM retirá-la da sala.*) Eu sei como a senhora se sente em relação a isto tudo. Eu tenho toda a solidariedade do mundo pra vocês, mulheres, que vem aqui, mas esta é uma instituição penal e simplesmente não podemos perder tempo nas nossas atividades de rotina com coisas desse tipo.

SRA.: Meu filho, Jack, meu filho! Não é como o senhor falou! Qualquer coisa menos isso! Diga que ele está morto, que vocês mataram ele, mataram ele! Mas não me fale isso. Eu sei, eu sei. Eu sei como era aí dentro. Ele me escrevia. A comida não era boa. Eu tentei mandar pra ele – ele não recebeu nada – não, até isso vocês tiraram dele. Aquele lugar pra onde vocês mandaram ele durante três dias. Klondike. Eu sei – vocês torturaram ele lá, foi isso que vocês fizeram, vocês torturaram ele até ele ficar – (*Vira-se lentamente para JIM.*) – Louco? Foi isso que você disse? – Ô, meu amado Jesus, ô, meu Deus! (*Começa a chorar e soluça descontroladamente.*)

DIRETOR: Ponha essa mulher pra fora! (JIM *a auxilia a chegar à porta.*) Caramba! (*Acende um charuto e apanha a ficha.*)

BLACKOUT

Episódio 4

Locutor: “Conversas à Meia Noite!”

O foco de luz ilumina as duas celas separadas por uma divisória. OLLIE reza, ajoelhado ao lado do beliche. BUTCH preguiça num banco junto à parede e fuma dissimuladamente. Os outros estão sentados em seus beliches.

OLLIE: (*Num sussurro audível.*) Ô, Senhor, o protetor e preservação de todos, protege este negro. Protege a esposa dele, a Susie, e os seis filhos dele, Raquel, Rebeca, Salomão, Moisés, Eclesiastes e Deuteronômio Jackson. Cuida deles enquanto o eu tô na prisão. E adia o tempo frio por que a Susie vai ter outro nenê, Senhor, e ela não pode ficar por aí ajuntando madeira pra queimar. Que Deus abençoe minha mãe e meu pai e o Presidente Roosevelt e a Administração de Progresso do Trabalho⁴ em nome de Jesus Cristo – Amém. (*Levanta-se, desajeitado.*)

BUTCH: (*Sorrindo.*) Olha aqui, Ollie, é melhor você não dar tanto trabalho pra esse cara aí!

OLLIE: Não custa nada.

BUTCH: Não serve pra nada..

OLLIE: O Senhor se lembra de quem se lembra Dele.

BUTCH: Uma merda!

(*OLLIE senta-se na beirada da cama, desanimado. Ouvme-se assobios e gorjeios zombeteiros no corredor enquanto JIM entra na cela.*)

JIM: Qual é o problema, Ollie?

OLLIE: (*Apontando para a cela de Butch.*) Ele falou que Deus não existe.

JIM: Como ele sabe?

OLLIE: Eu pergunto a mesma coisa.

(*JIM tira a camisa e com ela esfrega o suor do rosto e do peito, depois a atira para o canto. Apanha uma revista de nus artísticos e se abana com ela.*)

OLLIE: Você acha que existe, não acha, Jim?

JIM: Alguém lá em cima? – Não sei. Acho que eu sou o que chamam de agnóstico.

OLLIE: Você quer dizer Piscopal?

JIM: É. Esfregue as minhas costas, Ollie. Estou cansado.

OLLIE: Tudo bem. Com linimento ou banha de porco?

JIM: Use o linimento.

BUTCH: Você já começou a ver eles, Canário?

JIM: (*Quando OLLIE começa a friccionar.*) Deus, como queima gostoso.

BUTCH: Os diabinhos azuis, esse é o primeiro sintoma.

JIM: Ele faz o ar ficar fresco.

36

BUTCH: Eles rastejam pelas barras e sentam no pé da sua cama e fazem caretas pra você.

JIM: Esfrega mais forte no ombro esquerdo.

BUTCH: É melhor começar dormir com um olho aberto, Canário. Você consegue fazer isso?

JIM: Nunca tentei, Butch. Ah, assim tá bom.

⁴1 Works Progress Administration (W.P.A.) foi uma agência criada em 1935 pelo Presidente Roosevelt e o Congresso Norte-Americano, durante a Depressão, para dar emprego a pessoas necessitadas.

BUTCH: Bem, melhor tentar, porque se te pegarem desprevenido, Canário, eles sobem pra sua garganta e fazem nós na sua moela! (*Ri da cena com prazer.*)

JIM: Esta bom, ah, assim está... excelente.

OLLIE: Como você arranhou essas cicatrizes roxas, Jim?

JIM: Com o Dr. Jones.

OLLIE: Quem é esse Dr. Jones?

BUTCH: Dr. Jones é o cara que deu as aula de canto pro Canário! Lembra quando descobri que tinha crescido penas em você?

JIM (*Para OLLIE.*): Já está bom. Obrigado. (*Mostra alguns cigarros.*) Quer um?

OLLIE: Obrigado, Jim.

BUTCH: Sorte sua que me interromperam -- ou você ia tá lendo seus livros com os dedos e não com os olhos! Isso tá registrado como assuntos não resolvidos, pra ser retomado em data futura -- eu penso que todo cachorro tem o seu dia e o meu tá chegando muito em breve agora.

OLLIE: Não presta atenção nele não.

JIM: Não. Tem uma parede entre ele e eu.

BUTCH: Pode apostar que tem. Ou você já era um Canário morto. Ia ter pena amarela flutuando no Corredor C inteiro.

JIM (*Soltando fumaça enquanto fala... à la Jules Garfield*⁵): Existe uma parede como esta em volta de todo homem aqui e fora daqui, Ollie.

OLLIE: Fora daqui? Não!

JIM: Claro que sim. Todo homem vivo caminha dentro de uma gaiola. Ele a carrega onde quer que vá e não a deixa até que esteja morto. Então as paredes se partem em pedaços e ele não mais fica só... (BUTCH dá um grande sorriso de prazer e cutuca JOE; ele desenha um círculo com o dedo no ar e aponta para a cela de JIM. Ambos se abaixam no banco próximo à parede sorrindo e ouvindo.) ... Porque ele é parte de algo maior que ele mesmo.

OLLIE: Maior que ele?

JIM: Sim.

OLLIE: E o que é?

JIM (*Soltando um anel enorme de fumaça e trespassando-o com o dedo.*): O Universo!

(BUTCH explode em risos ásperos de zombaria.)

JIM (*Ignorando a explosão de riso de BUTCH.*): Mas, às vezes, acho, Ollie, que um cara não precisa esperar até morrer pra sair de sua gaiola.

OLLIE: Quer dizer que ele deve se atirar pra fora?

JIM: Não. Um cara pode usar seu cérebro de duas maneiras. Pode criar uma parede pra se fechar do mundo ou uma porta enorme pra poder sair. (*Continua, pensativo.*) Emancipação intelectual!

OLLIE: Hã?

⁵ John Garfield, ator cujo nome verdadeiro era Julius Garfinkle, no palco era conhecido como Jules Garfield. No filme *Four Daughters*, de 1938, ele aparece fumando, com um cigarro pendurado na boca.

(BUTCH dá um longo assovio.)

OLLIE: O que é isso?

JIM: Umas palavras que encontrei num livro.

OLLIE: Parecem palavra grandes.

JIM: Elas *são* palavras grandes. Tão grandes que o *mundo* se pendura nelas. Elas podem nos dizer o que ler, o que dizer, o que fazer... Mas não podem nos dizer o que *pensar*! E enquanto um homem puder pensar como quiser, nunca estará de fato preso em algum lugar. Ele pode pensar em si fora de suas paredes e fronteiras e fazer do mundo seu lugar pra viver... É um sentimento incrível, Ollie, quando você faz isso. É como estar só no topo de uma montanha à noite, com mais nada a sua volta além de estrelas. Mas você não está só, porque sabe que é parte de tudo que está vivo e que tudo que está vivo faz parte de você. E então você tem uma idéia de quem é Deus. Não o Sr. Papai Noel, Ollie, que joga respostas aos que rezam chaminé abaixo...

OLLIE: Não?

JIM: Não, não esse. Mas algo grande e terrível como a própria noite, e ainda —

OLLIE: Hã?

JIM: E ainda... tão macio quanto uma mulher. Sabe o que eu quero dizer?

BUTCH: Eu sei o que quer dizer... é como um... sentimento *perfumado*!

(BUTCH e JOE riem. JIM olha para a parede ressentido.)

JIM: Vocês não entendem o que estou falando.

OLLIE (*Pensativo.*): Não, mas eu entendo. Pensar é como rezar, com a diferença de que quando você reza, você sente que tem alguém do outro lado da linha...

JIM (*Sorrindo.*): Sim.

(*O foco de luz esmaece na cela de JIM e se concentra na cela de BUTCH.*)

RAINHA: Silêncio, *todos* vocês. Eu tô doente. Preciso dormir. (*Resmunga para si mesmo.*)

(*Uma faixa de luz vinda do rio brilha pela janela.*)

JOE: De onde vem essa luz?

BUTCH (*Na janela.*): Outro barco carregado com aqueles dançarinos esquisitos . Estão jogando luz na gente. O que vocês acham que é aqui? O zoológico municipal ou coisa parecida? Vão pro inferno, seus filhos da puta, seus nojentos...

SHULTZ (*Batendo com o cassetete nas barras*): As luzes já estão apagadas aí.

BUTCH: Um dia desses as luzes vão apagar pra sempre pra esse guarda velhaco .

JOE (*Retorcendo-se na cama.*): Aaaaaai!

BUTCH: Dor de barriga?

JOE: Sim, daquelas almôndegas malditas. Por Deus, eu não como mais se eles não começarem a servir comida mais digestível.

BUTCH (*Refletindo.*): Não come mais, hem? ... Acho que a gente tem uma coisa aqui.

JOE: Aaaaai... *Cristo!* (*Dobra os joelhos até o queixo.*)

BUTCH: Já ouviu falar em greve de fome, Joe?

JOE: Hã.

BUTCH: As vezes funciona. Sai nos jornais. Começam a investigar. Eles conseguem comida melhor.

JOE: Aiiiiiiiiiiii! A gente vai parar na... *hã!* ... *Klondike!*

BUTCH: Não vai caber três mil e quinhentos homens na Klondike.

41

JOE: Não, mas a Ala C ia primeiro por causa da nossa reputação.

BUTCH: Certo. A gente vai vencer a Klondike.

JOE: Algumas vezes você é pretensioso demais. Você já esteve na Klondike?

BUTCH: Já. Uma vez.

JOE: E como é?

BUTCH: É um suburbiozinho do inferno.

JOE: Era isso o que eu achava.

BUTCH: Eles colocaram aquecedores em volta de todas as paredes e não tem janela.

JOE: Deus todo poderoso!

BUTCH: O vapor sai das válvulas assobiando assim. (*Imita o som.*) Até que fica tão turvo que você não consegue ver nada na sua volta. É como respirar fogo pra dentro do pulmão. O chão é tão quente que não dá pra ficar de pé, mas não tem nenhum outro lugar pra ficar—

JOE: Como a gente sobrevive lá dentro?

BUTCH: Tem um buraco de ar mais ou menos deste tamanho embaixo na parede. Mas quando tem muita gente na Klondike, eles ficam apavoradas e brigam pelo buraco de ar e quem não é forte, não consegue sobreviver.

JOE: Eles morrem?

BUTCH: Claro. A menos que o Chefe tire eles de lá. E se você sobrevive na Klondike, você conseguiu passar por tudo que eles tem pra oferecer aqui dentro. É a última cartada deles!

RAINHA: (*Levantando-se na cama, sonolento.*) O que você tá falando sobre a Klondike, Butch?

JOE: Nada. Ele tá falando dormindo.

RAINHA: Eu sonhei com a Klondike uma noite dessas.

JOE: É?

RAINHA: Claro. Foi naquela noite que eu acordei gritando. Lembra?

JOE: Claro. Eu lembro. Uuuuuu! Aiiiiiiiiiiii! Aiiiiiiiiiiii! Jesus! (*Ele pula da cama e se abaixa até o chão, apertando o estômago.*)

BLACKOUT

Episódio 5

Locutor: “Banda de Música!”

Tema: Tchaikovsky, Segunda Parte da “Abertura 1812”, FADE...

Um foco de luz ilumina o escritório. JIM está sentando confortavelmente em uma cadeira junto à janela, escrevendo. Entra EVA.

EVA (*Animada.*): Bom dia.

JIM: Oi.

EVA (*Tirando o chapéu, etc.*): Acredito que você passa mais tempo aqui do que o chefe.

JIM: Eu gosto daqui. Especialmente quando estou sozinho.

EVA: Oh – bem, perdoe a minha intromissão.

JIM: Eu não quis dizer você. Você não me incomoda. (*A tensão instantânea que demonstrou à entrada de EVA desmente suas palavras.*)

EVA: Obrigada.

JIM: (*Observando-a enquanto ela remove a capa da máquina.*) Pra dizer a verdade, pra um condenado, aproximar-se de um membro do sexo oposto é um privilégio raro e invejável.

EVA: Verdade?

JIM: É. Verdadeiramente e sinceramente. Eu preciso piscar meus olhos algumas vezes pra ter certeza de que você não é apenas uma das alucinações -- visuais e auditivas – que alguns rapazes desenvolvem no distúrbio.

EVA (*Colocando uma folha de formulário na máquina de escrever.*): Não havia uma garota trabalhando aqui antes de mim?

JIM: Havia. Mas ela nem de perto abalava a credulidade de alguém.

EVA: O que você quer dizer?

JIM: Ela era um tipo de vaca.

EVA: Oh.

JIM: Segunda prima da esposa do diretor. Mas ele é uma pessoa extraordinária.

EVA: (*O som da datilografia havia obscurecido a última frase.*) Ele ou ela?

JIM: Ambos eram. (*Ele ri.*) Agora você sabe por que me chamam de Canário. Eu falo demais.

EVA: Não. De que maneira?

JIM (*Apontando para a sala adjacente.*): Ele a levou lá dentro na primeira semana.

EVA: O que tem lá dentro?

JIM: Ele entra lá pra relaxar após a vistoria das instalações. Ela entrava com ele. – Ela morreu de uma operação e o Whalen comprou um casaco de marta pra esposa. Você está gostando do trabalho novo?

EVA: Estou! – Nem tanto agora.

JIM: Existem alguns aspectos da vida aqui que não são mencionados no *Suplemento de Domingo*.

EVA: Verdade. Não dormi esta noite.

JIM: Não?

EVA: De pensar na mãe daquele rapaz.

JIM: Você vai se acostumar com coisas como essa.

EVA: Eu não quero me acostumar a elas.

JIM: Então, porque você não se demite?

EVA: Ora! Você não sabe muito sobre o que é estar desempregado.

JIM: Não. Entrei aqui antes da Depressão.

EVA: Você tem sorte.

JIM: Você acha?

EVA: No jornal apareceu o caso de um homem que estourou uma vitrine de vidro laminado pra poder ir pra prisão e ter algo pra comer.

JIM: Aposto como ele se arrependeu depois. Especialmente se veio pra cá.

EVA: Não sei. O cardápio de amostra parece bom.

JIM: Hum! Nós empurramos esse material em cima de qualquer pessoa que venha ao escritório pra encobrir o que realmente está acontecendo.

46

EVA (*Retirando o formulário.*): E o que é?

JIM: Fome.

EVA: Você é louco!

JIM: Claro que sou. Louco como um percevejo! Mas ainda tenho juízo suficiente pra reconhecer feijão, carne moída e macarrão -- quando os vejo seis ou sete vezes por semana em combinações ligeiramente diversificadas! Você imagina porque fazemos tanto rebuliço por causa da comida? Bom, vou te dizer por quê. É porque comer é tudo que temos. Não nos resta mais nada, nada de mulher pra dormir junto, nada de martelos, de pás, de papéis pra escrever, de automóveis, de golfe... nada pra fazer além de comer... então, comer é importantes pra nós. E quando fazem aquela maldita repetição que você sente engulho só de olhar -- e então, é como se colocassem fósforo em um barril de pólvora! (*Acende o cigarro.*) Me pergunte o que é uma exibição pirotécnica!

EVA: Acho que sei o que é.

JIM: Você vai saber mais se ficar por aqui. Vamos ter o Quatro de Julho mais adorável que você já viu. Só que vai acontecer, talvez, no meio de agosto. Sabe, eu mantenho meus olhos bem abertos - aqui e no Corredor C - Este lugar, madame, é o equivalente do Monte Vesúvio. Talvez em cem anos a partir de agora, os cordeirinhos fofos e brancos estarão pastando tranquilos nas ladeiras de um vulcão extinto. Mas em baixo, guias turísticos estarão apontando os ossos das pessoas que não saíram de Pompéia!

EVA: É uma pena que você não vai ser um dos guias turísticos. Você faz discursos tão bons.

JIM: Ok, pode tirar sarro/fazer piada. (evitar o regionalismo para JIM???)

(*Ouve-se o som de uma orquestra tocando uma melodia bélica na sala de reuniões.*)⁶ EVA (*Com o rosto se iluminando*): Música de orquestra!

⁶ Na margem do original datilografado, Williams escreveu: "Sinos na Cidade em Chamas - 1812 Abertura - Tchaikovsky" Parece que se relaciona à menção de Jim sobre fogos de artifícios e Quatro de Julho, Dia da

JIM: É. Estão ensaiando para o banquete do delegado.comissário.

EVA (*Levantando.*): Parece tão alegre!

JIM: Ah-hã. Se você acreditasse em orquestras, você pensaria que o milênio iria chegar amanhã exatamente às seis horas da manhã.

EVA (*Encarando-o num misto de alegria e desespero.*): Por que não? Talvez chegue!... Orquestras conseguem me convencer do que *quiserem*, Jim!

JIM: Consegue te convencer disso? (*Segura-a contra ele em um abraço impulsivo*)

EVA (*Afastando-se.*): Sim, conseguiria até me convencer disso! (*Então, ela ri.*) - Mas não no escritório do diretor! (*Ela retorna rapidamente para a máquina de escrever - JIM permanece parado olhando para as costas dela - seus braços erguem-se lentamente - as mãos fecham-se em punhos - vibram, esticadas, com uma intensidade incrível - então, lentamente caem para os lados. EVA assobia feliz, acompanhando a música da banda.*)

DIM OUT

Episódio 6

Locutor: "Senhor Olimpíadas!"

Um foco de luz na cela. Os detentos acabaram de retornar do jantar.

JOE: Você comeu?

BUTCH: Comer aquela coisa? Não. Fiquei enjoado só de olhar pra aquilo.

JOE: Macarrão - Macarrão quatro vezes por semana!

BUTCH: Isso não é nada. Eu já trabalhei numa fábrica de macarrão.

RAINHA: Sério?

BUTCH: É. Lembro que uma vez as máquinas de macarrão ficaram descontroladas. Não dava pra parar elas. Todo o lugar ficou cheio de macarrão. Tinha macarrão por todo o lado, brotando do chão e das paredes, e do teto, macarrão, macarrão, macarrão, bloqueando as janelas e as portas, uma enorme massa sufocante de macarrão.

RAINHA: Por favor!

BUTCH: Então disse pro supervisor, "Por Deus, como vamos sair deste lugar com todo esse macarrão transbordando pra tudo quanto é lado?" -- E o chefe disse, "Rapazes -- só tem um jeito de sair daqui agora!" -- "Como é?" Perguntei pra ele. -- "Pega!" ele disse -- e me entregou uma faca grande e um garfo -- "Você vai ter que *COMER* pra fazer uma saída!"

RAINHA: Oh, pelo amor dos nastúrcios!

(Ouve-se o som de portas de aço se fechando..)

Independência dos Estados Unidos, quando o *Festival Overture* é tocado tradicionalmente nos Estados Unidos. O final da sinfonia, com o som de tiros de canhão, é o sinal para a exibição de fogos.

VOZ: Olá, garoto novo! (*Ouvem-se outros cumprimentos.*)

BUTCH: Estão trazendo um novato.

(SCHULTZ *para na frente na cela com SWIFTY.*)

SCHULTZ: Aqui é o seu toucador, Sonny.

SWIFTY: Aqui?

SCHULTZ: É. Aqui. (*Empurra-o com violência para dentro e fecha a porta com força.*)

SWIFTY: Por que ele fez isso? Me empurrou! Eu já estava entrando, não estava?

JOE: Claro que tava. Ele só queria dar uma ajudinha.

SWIFTY: Não gosto que me empurrem desse jeito.

JOE: Eu apresentava uma queixa pro governador.

SWIFTY (*Faz uma pausa enquanto olha ao redor.*): Eu tenho uma apelação chegando perante o governador.

JOE: Tem, é?

SWIFTY: Sim, eu não tive um julgamento justo. Fui julgado e condenado, e mandado pra cá. Meu advogado disse isso.

JOE: Seu advogado disse.

SWIFTY: Sim, ele disse... Ei, fica todo mundo junto aqui desse jeito? Jesus, é muito pequeno!

JOE: Que foi que disse o seu advogado?

SWIFTY: Ele disse... O que é aquilo? Uma barata? Pelo amor de Deus... não gosto de ficar engaiolado assim!

JOE: O que foi que o seu advogado disse?

SWIFTY: Me disse pra ficar tranquilo. Que ele me tira daqui em duas semanas, um mês no máximo.

JOE: Um mês no máximo! Que acha disso, Butch?

BUTCH: Acho que é muito daquilo que eles tem que limpar com pás no chão do estábulo! (*Levanta.*) -- Esta é a sua cama nova, novato. Sobe lá e presta atenção no que vou te falar. -- Vai!

SWIFTY: Não empurra!

BUTCH: Hã?

SWIFTY: Te disse que não gosto que me empurrem!

BUTCH (*Mostrando os punhos.*): Quando me responde, você tá respondendo pra eles -- Agora sobe lá e presta atenção no que eu vou falar.

SWIFTY: Por que tenho que te obedecer? Você não é funcionário daqui.

BUTCH: Não sou?

SWIFTY: Não!

BUTCH: Escuta, cara. Na Espanha, é Mussolini.

51

JOE: Você quer dizer na Itália é Mussolini.

NÃO SERÁ DE ROUXINÓIS
RASCUNHO 01 OUT

BUTCH: Eu quero dizer em qualquer lugar que tiver italianos! E na Alemanha é aquele macaco com o bigode falso! – Mas aqui dentro é o Butch O’Fallon! E Butch O’Fallon sou eu! Então, agora que fomos devidamente apresentados, eu gostaria de repetir meu convite cortês pra você retirar seu traseiro da minha cama e subir pra sua! (BUTCH *sacode SWIFTY pela gola e levanta-o pelo fundilho das calças até a cama superior.*) Como você se chama?

SWIFTY: Jeremy Trout.

BUTCH: É a tua primeira vez na prisão?

SWIFTY: É. O que tem isso?

BUTCH: Qual foi a tua pena?

SWIFTY: Eu fui condenado por – roubar – dinheiro.

BUTCH: De onde?

SWIFTY: Da caixa registradora de uma loja de rede. Eu era o caixa. Mas não fui eu. Foram uns balconistas que armaram pra mim.

BUTCH: Eu acredito. Você não tem cara de quem tem coragem suficiente pra roubar uma caixa registradora. Quanto você pegou?

SWIFTY: Eu? Nada. Eles até levaram o meu cigarro.

BUTCH: Eu quis dizer a sua sentença. Quanto tempo?

SWIFTY: O juiz Eggleston me deu cinco anos. Mas o meu advogado disse –

BUTCH: Você vai *ficar* cinco anos.

SWIFTY: Aqui dentro? Nossa, fechado aqui dentro tanto tempo eu ficaria doido!

BUTCH: Vira essa boca pra lá.

SWIFTY: Eu – eu estou me sentindo mal. O ar aqui dentro não está bom.

BUTCH: Não?

SWIFTY: Cheira mal. Está me fazendo ficar enjoado.

BUTCH: Tem o balde de lixo.

SWIFTY: Não!

BUTCH: Não foi esvaziado ainda. Esse é o seu trabalho. O mais novo sempre esvazia.

SWIFTY: Não – (*Afunda na cama.*) Cinco anos? Eu não vou agüentar ficar trancafiado tanto tempo. Preciso ter espaço à minha volta. Fico impaciente. Era por isso que não gostava de trabalhar na loja. Ficava atrás de um balcão o dia todo, me sentia como se estivesse amarrado lá. – No curso colegial eu era corredor.

BUTCH: Corredor, hem?

RAINHA: Foi isso que eu disse pra mim mesmo. Ele parece atlético.

SWIFTY: É. Eu mantive o recorde estadual dos 220 durante três anos.

BUTCH: Olha só.

SWIFTY: Eu gosto de qualquer coisa que se movimente, que não fique parada. Não é uma coisa normal o que acontece comigo, é um tipo de obsessão. Gosto de vencer distâncias. Ver uma pista

reta – chegar ao outro lado dela em primeiro lugar, antes de qualquer outro – É pra isso que eu nasci – pra correr – olhem para as minhas pernas!

JOE: Fortes, hem?

SWIFTY: Isso é de tanto treinar. Se não tivesse acontecido isto, agora eu poderia estar a caminho das Olimpíadas. Mas ainda posso ter uma chance nas eliminatórias de Nova York se o meu advogado conseguir me tirar daqui antes do dia quinze. (*Flexiona as pernas.*) – Mas olhem pra isto! Já estão ficando descondicionadas de novo! – Se me dessem permissão pra correr pelo pátio algumas vezes – digamos, antes do café da manhã ou do jantar – nossa, eu poderia me manter numa forma bem boa, mesmo aqui dentro. Até no caso de ter de ficar aqui por um ano – eu poderia continuar em forma!

JOE: Ele vai ficar como o Marinheiro Jack.

BUTCH: Vira essa boca pra lá! – Cara, eu num sô sentimental – mas eu tô com pena de você.

SWIFTY: Por quê? Você não acha que ele vai permitir?

BUTCH: Não.

SWIFTY: Por que não?

BUTCH: Porque você é presidiário.

SWIFTY: Mas um presidiário é um ser humano. Tem que ser tratado como ser humano.

BUTCH: Presidiário não é ser humano. Presidiário é presidiário. (*O foco de luz se concentra em BUTCH.*) Ele fica atolado aqui e o mundo esquece dele. Pro mundo ele não existe mais. O que acontece com ele aqui – as pessoas não ficam sabendo lá fora, elas não se importam. Ele fica por conta do estado. O Estado? Pro inferno! O estado entrega ele prum cara chamado Diretor e prum bando de outros caras chamados de guardas. Quem são eles? Homens que gostam de mandar em outros homens. Talvez eles não conseguissem ser motorista de caminhão ou palhaço de circo. Mas eles não queriam mesmo ser nada disso. Por que? Porque eles têm um instinto natural pra descer o cassetete! Eles gostam de estourar miolos, fazer lingüiça de carne humana! E então eles têm que ser guardas. Pensam que são deuses. Mas não passam de ratos. Por isso que, na minha definição, guarda é um rato que pensa que é DEUS! – É melhor você não esquecer disso. Porque, amiguinho, você num tá mais no curso ginásial. Não tá mais na loja de departamento, nem tá nas Olimpíadas – Essa é primeira parte da sua educação. A segunda parte é ficar longe dos dedo-duro. Ei, Canário! – Ele não tá aqui ainda, mas a gente tem um passarinho na cela do lado que algumas vezes canta bem docinho pro Chefe. – Então, não faz amizade com ele. Dá um cigarro pra ele, Joe.

JOE: Aqui, senhor Olimpíadas.

BUTCH: Esconde ele sempre. – Como tá o teu estômago agora?

SWIFTY: Um pouco melhor.

BUTCH: Tá com fome?

SWIFTY: Não.

BUTCH: Isso é bom. Por que pode ser que a gente vai parar de comer.

RAINHA: Parar de comer?

BUTCH: É. Eu andei pensando naquilo que a gente conversou ontem de noite, Joe, e eu tô comprando a idéia.

JOE: Eu ainda estou em cima do muro.

BUTCH: Não tem essa de ficar em cima de muro nenhum, Joe. Quando eu falo em greve de fome, aqui dentro vai ter greve de fome.

RAINHA: Greve de fome!

SWIFTY: O que é isso?

BUTCH: Boca fechada! O Canário tá vindo se empoleirar.

(Ouvem-se assobios zombeteiros no corredor.)

BUTCH: Me ajude tirar o sapato, Rainhazinha. Assim mesmo. Aqui, pendure minha camisa em cima da cadeira. Joe –

JOE: Droga, o que você quer?

BUTCH: Dobre a minha calça bem direitinho e coloque ela por cima da cadeira. – Boa noite, lua. *(Ele pára sob um raio de luar que atravessa pelas grades da janela.)*

JOE: Você tá ficando igual o Marinheiro Jack, cumprimentando a lua!

BUTCH: Ela tá grande e amarela hoje. Você sabe que eu e Deus temos alguma coisa em comum, Joe.

JOE: É, o quê?

BUTCH: Uma fraqueza pelas loiras!

BLACKOUT

56

Episódio 7

Locutor: "Butch tem um sonho"

Tema: "Roses of Picardy" FADE

GOLDIE: Olá, Butch.

BUTCH *(Semilevantando-se na cama)*: Goldie!

GOLDIE: Sim, sou eu.

BUTCH: Como você entrou aqui?

GOLDIE: As paredes não são grossas a ponto de nos separar pra sempre, Butch.

BUTCH: Você quer dizer que atravessou elas? Não impediram?

GOLDIE: Isso mesmo, querido.

BUTCH: É maravilhoso, maravilhoso!

GOLDIE: Claro. Nunca fui uma biscate comum. Sempre teve alguma coisa diferente em mim. Você percebeu isso. Como eu era leve quando dançava e sempre sorrindo. Uma garota que dançasse como eu, a noite toda, até guardarem os violinos e cobrirem a bateria, que nunca se cansava, que sempre queria mais um de tudo que fosse oferecido, tem algo de especial. E você

sabe disso, Butch. Não se compra duas pessoas como nós com uma moeda de vinte e cinco centavos na farmácia da esquina. .

BUTCH: É, eu sei disso, Goldie. Sempre tive essa sensação especial com você, menina. Querida, tentei encontrar palavras pra te contar o que você fazia comigo de noite quando abria sua boca contra a minha e me dava seu amor...

Quarto vinte três! Esse era o seu. Seis passadas rápidas pelas escadas estreitas com tachas de metal no velho carpete vermelho e lâmpadas no final do corredor. Saída de emergência. A gente costumava sentar lá fora nas noites de verão e bebia cerveja gelada até que tudo que conseguíamos fazer era rir e então ir pra cama.

O dia chegava tão devagar e tranqüilo, atrás das cortinas brancas e compridas. Quem sabe um ventinho fazendo as cortinas se mexer. As carroças do leite faziam barulho ali por perto e lá fora, no rio East, a gente ouvia os alertas de neblina. Eu nunca dormia, deitava e ficava olhando você dormir. Seu rosto era como o de uma menina naquele momento. Uma menina que nenhum homem havia tocado. Nunca te contei sobre aquelas vezes que eu ficava olhando você dormindo e o que eu sentia por você naquele tempo... Porque eu não era bom pra fazer discursos. Mas acho que você já sabia.

GOLDIE: Claro que sabia. Eu sabia que você me amava, Butch.

BUTCH: Fico imaginando se seu rosto ainda parece o mesmo de quando você estava dormindo.

GOLDIE: Eu não mudei. Você tem que saber isso, Butch.

BUTCH: Você não está saindo com outros caras, está?

GOLDIE: Não. Você sabe que não. Tenho sido tão leal quanto Deus pra você, Butch.

BUTCH: Mas então como você vive, como você sobrevive agora, Goldie?

GOLDIE: Tão bem quanto uma garota pode esperar. Ainda trabalho durante o dia na Lavanderia Imperial e de noite no Paradise, Butch.

BUTCH: Queria que você saísse do Paradise, Goldie.

GOLDIE: Por que?

BUTCH: Não gosto que outros caras dançam com você.

GOLDIE: Eles não significam nada. São só cartões de cartolina, pra mim não passam disso, Butch. Fico com os canhotos pra transformar depois em dinheiro. E isso é o máximo que a coisa pode chegar.

BUTCH: Mas e, às vezes, quando as luzes se apagam pra valsa e eles te abraçam apertado -- você nunca fecha os olhos e respira no pescoço deles como fazia comigo, Goldie?

GOLDIE: Não. Nunca.

BUTCH: Você não tá mentindo pra mim, Goldie?

GOLDIE: Claro que não. Algumas garotas dizem que um homem é bom como qualquer outro. Que eles são todos iguais. Mas eu não sou assim. Eu me entrego, me entrego pra *sempre*. E o tempo não me mudou em nada. Ainda sou a mesma.

BUTCH: A mesma Goldie de sempre, hein?

GOLDIE: A mesma garota de sempre. Gastando os saltos dos meus sapatos de dança . Mas sem esquecer do meu amor. E à noite voltando pra casa sozinha. Dormindo sozinha em uma cama enorme de metal. Sua metade vazia, Butch. E esperando você.

BUTCH: Me esperando!

GOLDIE: Sim! Esperando você! *(Ela começa a desaparecer entre as sombras.)*

BUTCH (Indo em direção a ela): Goldie!

GOLDIE: Adeus, Butch. Adeus...

BUTCH (Fora de si.): Goldie! Goldie! *(Ela desaparece completamente.)*

JOE (Sentando-se na cama.): Qual é o problema, Butch?

RAINHA: Ele está falando dormindo de novo.

BUTCH (Devagar e com ênfase extraordinária): Maldição!!

BLACK OUT

Episódio 8

Locutor: "Um pato de borracha para o bebê"

Um foco de luz no escritório do DIRETOR. Elee está sentado atrás de sua mesa, inflando um pato de borracha.

DIRETOR (Para Eva, que deixa alguns papéis em sua mesa): Olhe isso.

EVA: Sim, senhor.

DIRETOR: É um pato de borracha para o bebê.

EVA: Não sabia que o senhor tinha um filho.

DIRETOR: Pode apostar que tenho. O bebezinho mais fofo que você jamais viu igual!

EVA: Menino ou menina?

DIRETOR: Menina! Só podia ser. Ela vai ficar toda risonha quando ver isso! *(EVA vai saindo)* Espera! Vou falar com ela no telefone agora! Quer ouvir, Eva? *(Disca o número.)* Alô, Mamãe? Como vão as coisas? É? Bem, coloca a bebê no telefone, ok? *(Para Eva.)*: Agora, ouve isso! *(Imitando a pronúncia de uma criancinha.)* Fofinha? O Papaizinho quer saber se você tá se comportando como uma boa menininha! Está? Isso é bom! O Papaizinho tem uma coisa pra menininhas que se comportam bem. Não. Não é pirulito. Você vai ver quando o papaizinho chegar em casa, você vai ver. Tchauzinho agora! Tchauzinho! - *(Desliga com uma grande risada .)* Fofa como o diabo -- parece muito com a Shirley Temple -- não parece? *(Mostra a foto para Eva.)*

EVA: Sim, tem uma semelhança.

(JIM entra.)

61

DIRETOR (Entusiasmado.): Alô, Jimmy, meu garoto! Alguma novidade?

JIM: Nada de novo. Apenas as velhas reclamações de sempre sobre a comida. A única coisa é que elas estão ficando cada vez mais altas, Chefe.

DIRETOR: O que eles tão querendo? Caviar? Profiterole? Charlotte russa? Será que eles querem cardápios impressos, assim eles podem pedir suas refeições *à la carte*? Coloque estes relatórios médicos no arquivo, Eva.

JIM: Se o senhor olhar aqueles relatórios vai ver que houve sete casos de intoxicação alimentar por bactérias ⁷NT depois do jantar de quarta-feira. No estômago aquelas almôndegas ficaram ainda piores do que o cheiro delas.

DIRETOR: O que você quer dizer? Não estavam boas?

JIM: Acho que eram destinadas às águias lá do zoológico. Acabaram se misturando no mercado, ou alguma outra coisa assim, e vieram pra cá por engano.

DIRETOR: Olha aqui, Jim. Você está falando de um jeito arrogante demais. Se exibindo para a Srta. Crane, eu acho – não é isso?

JIM: Não, senhor. Se eu não lhe desse minha opinião sincera, pra que eu serviria?

DIRETOR: (*Com cautela, estudando o rosto de JIM.*) Certo. É, você é uma boa pessoa, Jim.

JIM: Obrigado.

DIRETOR: (*Inclinando-se para trás.*) Eu gosto de você, Jim. Por que? Porque você tem um rosto que parece ter sido recortado de uma pedra. Vire de lado, Jim – Eva?

EVA: (*Nos arquivos.*) Sim, senhor?

DIRETOR: Já viu um perfil mais bem traçado do que este? Como se tivesse sido entalhado em pedra, hem? As mandíbulas, o nariz, a boca? Eu tentei mudar esse rosto desde que o Jim entrou aqui pela primeira vez. Nunca consegui. Sempre ficou desse jeito – um rosto de pedra! Nunca consegui com que mudasse, nem mesmo quando eu dei nele cinquenta chicotadas com uma mangueira de borracha todas as manhãs, durante catorze dias. – Lembra daquilo, Jim?

JIM: (*Com o rosto quase imperceptivelmente contraído.*) Sim, senhor.

DIRETOR: Quando eu vi que não podia dobrar ele, eu disse pra mim mesmo: “Ei, Bert, aqui está um homem que você poderia usar!” Foi o que eu fiz. O Jim é um presidiário digno de confiança agora, um dedo-duro – Canário Jim – é assim que os outros presidiários chamam ele. Não é, Jim?

JIM: Sim, senhor.

DIRETOR: Ele me mantém informado do que acontece entre os homens. Ele não chega pisando na ponta dos pés, cochichando como os outros dedo-duros que eu tenho aqui dentro – ele chega pisando duro e fala o que pensa! – É por isso que ele é tão valioso pra mim! – Mas os homens não gostam dele. Eles odeiam você, não odeiam, Jim?

JIM: Sim, senhor. (*Sua voz é quase um sussurro.*)

DIRETOR: O Jim tá do meu lado, tá tudo certo agora. Eu não consegui dobrar ele, então eu fiz ele me ficar útil. Tire a camisa, Jim – mostre suas costas pra Eva.

JIM: Sim, senhor. (*Obedece com precisão curiosa, como se fosse uma máquina. De lado a lado dos seus ombros e diagonalmente até a cintura aparecem cicatrizes compridas, que dez anos não conseguiram apagar.*)

DIRETOR: Tá vendo essas cicatrizes, Eva? Ele ficou assim dez anos atrás. Naquela época ele ficou uma bela figura. Carne viva. A pele pendurada nas costas como lenços de papel vermelho! A carne estava toda suculenta, toda amassada, o sangue vertia como o suco de um tomate maduro

⁷NT Antigamente traduzido como “envenenamento por ptomaína”.

toda vez que eu descia o chicote nele. “Já apanhou o suficiente, Jim? Tá pronto pra voltar praquela máquina de estampagem?” – “Não”, respondia ele, “não até ela ser consertada!” – Ele me desafiou desse jeito durante catorze dias. – Eu vi que ou tinha que matar ele ou tinha que admitir que ele tinha me derrotado. – Eu falei pra ele: “Jim, você venceu! Você não vai voltar praquela máquina de estampagem, você fica aqui mesmo no escritório e vai trabalhar pra mim porque é um homem feito do material que eu gosto!”. Rosto de pedra. Hem, Jim?

JIM: Sim, senhor. (*Os papéis já haviam escorregado das mãos de EVA. Ela emite um ligeiro grito abafado e agarra a beirada da escrivaninha.*)

DIRETOR: Com mil trovões! O que tá acontecendo?

JIM: Acho que ela está desmaiando. (*Ele ampara EVA.*)

DIRETOR: Solte essa garota – vista sua camisa e saia daqui. – Fale pros rapazes da Ala C que estou cheio de reclamação sobre a comida. – Tá bem, senhorita?

EVA: Estou bem agora.

DIRETOR: Tudo bem, eu tomo conta dela. – Vista a camisa, Jim – eu quero ter uma conversinha com Butch O’Fallon hoje de noite. – Fale pra ele que estou farto de reclamação da Ala C e que, se ele quer confusão, eu posso cuidar disso! – Vai, saia daqui!

DIRETOR: (*Para EVA, que afundou na cadeira.*) Tá bem, senhorita?

EVA: Tudo bem, agora.

DIRETOR: Desculpe. Não tive intenção de chegar a tanto. Jim é um bom rapaz, mas não custa nada lembrar pra ele, de vez em quando, do velho amigo Dr. Jones. (*EVA vira o rosto.*) Você acha que sou um bruto, né? Você tem que entender a posição em que estou. Eu tenho três mil e quinhentos homens aqui dentro, homens que esfaqueariam a própria mãe em troca do dinheiro de uma cerveja. É preciso uma mão tremendamente firme. – Sim, senhor! (*Ele apanha o pato de borracha e o infla um pouco mais.*) Bonitinho, hem? – Ela vai ficar doidinha com isto!

DIM OUT

Episódio 9

Locutor: Explosão!

Um foco de luz na parte superior da cela. Sente-se um nítido aumento de tensão em relação às cenas anteriores de cela. BUTCH anda de um lado para outro, sem parar. Os outros estão sentados nos beliches, calados. RAINHA folheia uma revista velha sobre cinema, SWIFT flexiona as pernas, ansioso.

JOE (*Vindo do corredor e tirando o casaco.*): Guardem o seu sapato de couro.

BUTCH: Pra quê?

JOE: Vocês podem querer comer o sapato hoje de noite em vez de feijão frio.

BUTCH: Feijão, hem?

SWIFTY: (*Com uma carta.*) É do meu advogado.

RAINHA: O que ele fala, querido?

SWIFTY: Pra eu ficar tranquilo.

RAINHA: Cruzes! – Minhas unhas estão horrorosas.

SWIFTY: Ficar tranquilo! O que ele pensa que estou fazendo desde que cheguei aqui? Ficar tranquilo – ficar tranquilo! Ele não sabe que tenho que me exercitar?

BUTCH: Fique calmo, Senhor Olimpíadas! – Quem que te falou que é feijão frio?

JOE: O rapaz que trabalha na cozinha.

SWIFTY: Eu não confio naquele advogado. Agora ele está falando em seis meses.

66

RAINHA: Não confio em homem nenhum, querido. Menos do que eu confio no meu pé fraturado pra derrubar um mausoléu de granito (Ri)

BUTCH: Ele tem que saber.

SWIFTY: Meu advogado?

BUTCH: Seu advogado! Não - o garoto da cozinha.

JOE: Vai ver que nosso amigo Canário esqueceu de espalhar.

BUTCH: Ele nunca ia esquecer de espalhar qualquer notícia.

JOE: Então, vai ver que o Chefe não tá nem aí com o que a gente pensa de feijão frio pra janta.

BUTCH: Ele quer pagar pra ver.

JOE: Com certeza. Ele tá com um ás na manga. -- Klondike!

BUTCH: A gente tá com um também.

JOE: A greve de fome?

BUTCH: Isso aí, meu irmão.

JOE: O ás de espadas não pode estar com dois caras ao mesmo tempo.

BUTCH: Uma vez eu tava num jogo onde aconteceu isso.

JOE: Como você resolveu a coisa?

BUTCH (*Mostrando uma navalha*): Com isto.

JOE: É melhor você parar de exibir esse negócio.

BUTCH: Todo mundo sabe que eu tenho bigode cerrado. (*Ri e coloca a navalha de volta no cinto.*) Fortune is always hiding – I looked everywhere! (A sorte está sempre se escondendo - /Procurei em Todo lugar! (*Ouve-se um gorjeio de aves vindo do corredor.*)) Aí vem ele, aí vem o Canário. (*Dá um assobio agudo.*) Olá, Canário. Como vão os vôo solitários que anda fazendo? Você sabe... lá fora, no pico da montanha com nada em volta a não ser as estrelas? (*Ele e JOE riem*)

OLLIE (*Da cela próxima.*): Não liga pra ele, Jim.

JIM: Não tem importância. Preciso te falar uma coisa.

BUTCH: Vai falar da história da Branca de Neve e dos sete anões.

JOE: Eu gosto do Chapéuzinho Vermelho.

JIM: Vem aqui fora um minuto.

BUTCH: Quer brigar?

JIM: Não, quero conversar.

BUTCH: Você sempre quer brigar, esse é o seu problema. Se tem alguma coisa pra espalhar, vem aqui dentro.

JIM: Sei o que aconteceu na última vez que entrei numa gaiola com você, Butch.

BUTCH: Fico feliz que causei uma impressão e tanto.

JIM: Você vai sair?

BUTCH: Não. Você vai entrar?

JIM: Vou. Vou, sim. Assim que apagarem as luzes.

RAINHA: Melhor não, querido. Butch tem bigode cerrado.

JIM: É, tem, e eu sei o que ele usa pra cortar.

BUTCH: Então porque não fala logo?

JIM: Nunca delatei ninguém intencionalmente, Butch. (*Ouve-se um apito. As luzes esmaecem.*) Ok, estou entrando agora. (*Destranca a cela e entra.*)

RAINHA: Fica calmo, Butch --

JOE: Toma cuidado. Não vale a pena ser jogado nos braços de Jesus assim.

BUTCH: Agora, Canário, meu respeito por você aumentou duzentos por cento. Nunca pensei que você ia ter coragem de entrar aqui.

JIM: É como eu disse pro Ollie ontem à noite. Todos nós temos paredes à nossa volta, Butch, paredes através das quais não conseguimos ver... é por isso que erramos em nosso julgamento dos outros. Quer um cigarro?

BUTCH: Não. Só diz logo o que tem pra dizer e depois some daqui. Não quero perder o controle.

JIM: Sei o que você tem em mente.

BUTCH: O quê?

JIM: Greve de fome.

BUTCH: O que que tem?

JIM: Não aconselho isso, Butch.

BUTCH: Foi o Whalen que te mandou falar isso?

JIM: Não, isso é liso e sincero, Butch.

BUTCH: É, tão liso quanto as montanhas Adirondacks.

JIM: Admito que me fiz de útil pra ele. Mas também não esqueci das duas semanas que passamos juntos no Buraco, além daquelas visitas que ele fazia todas as manhãs pra se informar sobre nossa saúde. Ele estava ainda mais interessado na minha saúde do que na sua, Butch. São situações como essa que podem criar um laço comum entre homens que, depois disso, nada mais poderá...

BUTCH: Vai direto no assunto!

JIM: Certo. Eu tenho uma audiência sobre minha condicional no mês que vem.

BUTCH (*Levantando-se*): Você tem, né?

JIM: Existe uma chance que eu consiga. E se conseguir, vou justificar minha reputação de vocalista brilhante, Butch. Vou cantar tão alto e tão agudo que o eco vai derrubar essas paredes!

NÃO SERÁ DE ROUXINÓIS
RASCUNHO 01 OUT

Sei muito pelo que vejo no escritório. Conheço toda a corrupção daqui. Conheço tudo sobre a intimidação dos empregados e a tortura dos detentos; conheço tudo sobre o Buraco, sobre o tratamento com água, sobre o capote -- sobre a Klondike!... E sei do tipo de comida -- ou melhor, lavagem!-- que temos comido! Você tem que esperar um mês! Só isso! Quando eu conseguir sair, Whalen irá pro lugar que merece -- na ala psiquiátrica, junto com o Marinheiro Jack! E te prometo que as coisas vão mudar aqui -- olhe... tenho aqui um artigo sobre o Reformatório Industrial em Chillicothe! --. este é o tipo de lugar que vai ser aqui!

BUTCH (*Empurrando o jornal para o lado.*): Não quero artigo nenhum! -- Allison, você só fala merda.

JOE: Pega leve, Butch. (*Para JIM.*) Então você não quer que a gente faça greve de fome?

JIM: Não. Não vai trazer nada de positivo. O Chefe vai jogar todos vocês na Klondike. Façam um favor a vocês mesmos. Cooperem comigo. A gente pode fechar essa prisão. A não ser que continuemos em posições opostas. ... Vamos selar esse acordo, Butch.

BUTCH: _Vai se foder!

JIM: Sem chance, então? E o que vocês me dizem, Joe? Swifty?

BUTCH: Eles te dizem o que eu digo! Agora se manda antes que eu perca minha última grama de paciência!

JIM: Ok. (*Sai.*)

JOE: Talvez ele *tivesse* sendo sincero.

BUTCH: Ele vai ser sincero quando tiver debaixo da terra. (*Dá um tapa no traseiro de SWIFTY.*) Levanta! Tá hora da janta!

71

SWIFTY: (*Com o rosto enterrado no traveseiro.*) Me deixe em paz. Estou enjoado. Não estou com fome.

BUTCH: Você tem que vir junto de qualquer jeito. A gente precisa de você pra ajudar. A gente vai fazer barulho no caso do rapaz da cozinha estar com a razão a respeito da janta.

JOE: Barulho?

BUTCH: É, *muito* barulho!

(*Toca o sino no corredor.*)

BUTCH: Vem junto, vocês aí! (*Ele empurra RAINHA e força SWIFT a ficar de pé.*) Os sinos do inferno tão tocando! Vamos lá, rapazes! Antes dos biscoitos esfriarem! Bisteca pra janta! Com molho de champinhom! Vamos lá pra comer!

(*Ouve-se um assobio e as luzes começam a esmaecer. Tema musical: Abertura 1812. FADE.*)

BLACKOUT

Episódio 10

Locutor: "Inferno – Um Interlúdio Expressionista"

A cena a seguir se passa em um palco escuro. Ouve-se um arrastar de pés que continua por vários momentos. Em seguida, um apito.

VOZ: TOMEM SEU LUGAR NAS MESAS! (*Ouve-se mais arrastar de pés.*)

(Depois se ouve o arrastar de cadeiras ou bancos enquanto os homens se sentam.)

VOZ: Comecem a comer!

(Ouve-se um vozerio indistinto.)

VOZ: Eu falei: comecem a comer! Vocês me ouviram! Comecem a comer!

(Muito suavemente, primeiro num sussurro e depois crescendo em intensidade, ouvem-se vozes que transmitem o recado de mesa a mesa.)

VOZES: Não comam – não comam – não comam – não comam – não comam mais essa lavagem – joguem tudo de volta na cara deles – não comam – não comam – não comam essa merda – nós somos seres humanos – não comam – NÃO COMAM –

(As vozes do coro ficam mais altas, mais histéricas, semelhantes ao rugido de animais. À medida que engrossa, o clamor é acompanhado pelo tinido dos copos de metal. As luzes iluminam BUTCH e outros sentados em bancos junto à mesa. Cada um deles segura um copo de metal e um prato onde batem o tempo para acompanhar o coro puxado por OLLIE, que está de pé, mais à frente do palco, sob o foco de luz.)

OLLIE: O diabo veio nos encontrar e tocou um sino ⁸NT

(Co' o/ si/ no/ na/ mão/ do/ dia/ bo o/ es/ car/ céu)

Vinte e cinco homens ganharam uma passagem pro inferno!

(Pra/ man/ dar/ vin/ te e /cin/ co/ pro/ fo/ ga/ réu.)

CORO: Liga o aquecimento, liga o aquecimento,

(Pro/ fo/ ga/ réu,/ pro/ fo/ ga/ réu)

Eles vão dar pra gente o inferno quando eles ligarem o aquecimento.

(A gen/ te/ vai/ é/ pro/ be/ le/ léu, quan/ do/ se/ li/ gar o/ fo/ ga/ réu)

Liga o aquecimento, liga o aquecimento,

(Pro/ fo/ ga/ réu,/ pro/ fo/ ga/ réu)

Eles vão dar pra gente o inferno quando eles ligarem o aquecimento.

(A gen/ te/ vai/ é/ pro/ be/ le/ léu quan/ do/ se/ li/ gar o/ fo/ ga/ réu.)

OLLIE: Foi lá no Missouri que eu nasci

(Foi /lá /em/ Mi/zzou/ra /que /eu /me/ cri/ ei.

Eu trabalhava o dia todo num campo de milho,

(Num/ cam/ po/ de/ mi/ lho/ sem/ pre/ tra/ ba/ lhei)

Ficava bem quente mas de noite era bom

O /dia e/ ra/ quen/ te,/ mas a/ noi/ te/ a/ ni/ ma/ da

Porque a gente mantinha nossa cerveja num balde de gelo.

Por/ que a/ cer/ ve/ ja/ se/ be/ bia/ bem/ ge/ la/ d

CORO: Liga o aquecimento, liga o aquecimento,

(Pro/ fo/ ga/ réu,/ pro/ fo/ ga/ réu)

Eles vão dar pra gente o inferno quando eles ligarem o aquecimento.

(A gen/ te/ vai/ é/ pro/ be/ le/ léu quan/ do/ se/ li/ gar o/ fo/ ga/ réu)

⁸NT Tradução literal. (Em itálico uma primeira tentativa de tradução livre rimada.)

Liga o aquecimento, liga o aquecimento,
(*Pro/fo/ga/réu,/ pro/fo/ga/réu*)
Eles vão dar pra gente o inferno quando eles ligarem o aquecimento.
(*A gen/te/ vai/ é/ pro/ be/le/léu,quan/do/ se/ li/gar o/ fo/ga/réu*)

OLLIE: Tem uma situação que um condenado não agüenta
(*Uma/ coi/sa/ que a/ca/ba/ com/ ca/da/ réu*)
Quando o Diretor diz, rapazes, nós vamos ligar o aquecimento.
(*É o/ chefe/ man/dar/ li/gar o/ fo/ga/réu.*)

CORO: Liga o aquecimento, liga o aquecimento,
(*Pro/fo/ga/réu,/ pro/fo/ga/réu*)
Eles vão dar pra gente o inferno quando eles ligarem o aquecimento.
(*A gen/te/ vai/ é/ pro/ be/le/léu,quan/do/ se/ li/gar o/ fo/ga/réu*)

OLLIE: O diabo veio nos encontrar e tocou um sino
(*Co' o/ si/no/ na/ mão/ do/ dia/bo o/ es/car/céu*)
Vinte e cinco homens ganharam uma passagem pro inferno!
(*Pra/ man/dar/ vin/te e /cin/co/ pro/ fo/ga/réu.*)

CORO: Liga o aquecimento, liga o aquecimento,
(*Pro/fo/ga/réu,/ pro/fo/ga/réu*)
Eles vão dar pra gente o inferno quando eles ligarem o aquecimento.
(*A gen/te/ vai/ é/ pro/ be/le/léu,quan/do/ se/ li/gar o/ fo/ga/réu*)
Liga o aquecimento, liga o aquecimento,
(*Pro/fo/ga/réu,/ pro/fo/ga/réu*)
Eles vão dar pra gente o inferno quando eles ligarem o aquecimento.
(*A gen/te/ vai/ é/ pro/ be/le/léu,quan/do/ se/ li/gar o/ fo/ga/réu.*)

(As luzes começam a esmaecer. Ouve-se um som alto de sinos tocando, soa um apito. Subitamente, o silêncio é total. As luzes esmaecem e depois se concentram em SCHULTZ e nos guardas, entrando no corredor das celas. Os prisioneiros estão de volta à suas celas.)

SCHULTZ: Agora vocês vão aprender uma boa lição por fazer desordem no refeitório! Saia um de cada cela! Fiquem de olho neles!

JOE: (*Para BUTCH*) Você começou bem a coisa.

RAINHA: Ai, meu Deus!

SCHULTZ: Ollie! Shapiro! Saiam também, vocês foram escolhidos! Mex!

SHAPIRO: Por quê? Desordem? Eu não fiz nenhuma desordem!

MEX: (*Blasfema em espanhol.*)

OLLIE: Pra que me chamou, seu Schultz?

SCHULTZ (*À porta da cela de BUTCH*): Fique de pé ali, Butch. (*Cutuca-o com um revólver.*)
Quem está aí dentro com você? Joe? Rainha?

BUTCH: Fui eu que comecei o barulho.

SCHULTZ: Eu sei que foi você que começou o barulho. Mas nós vamos te poupar, Butch. Você é bom demais pra desperdiçar no Buraco.

RAINHA: Eu não fiz barulho nenhum, senhor Schultz. Eu estava totalmente em silêncio o tempo todo.

SCHULTZ: Quem está naquela cama? Ah, o novato. Brincando de esconde-esconde! Saia daí.

RAINHA: Ele não fez barulho, senhor Schultz.

SCHULTZ: Saia daí, garoto.

SWIFTY (*Tremendo*): Eu não fiz barulho nenhum. Eu estava doente. Não quis jantar nada. Tenho estado doente desde que entrei aqui.

SCHULTZ: É, eu ouvi você grasnando! Entre ali na fila.

SWIFTY: Eu quero falar com o Diretor. Eu fico doente de ficar trancado sem exercício.

SCHULTZ: Nós vamos te exercitar! (*Assopra num apito.*)

SWIFTY (*Descontrolado*): O Buraco! Não! Não!

SCHULTZ (*Cutucando-o rudemente com um cassetete.*): Se mexam! Krause! Alberts! Tudo certo, são estes aqui! – Duas semanas no buraco, a pão e água – talvez a gente arremate com um banho turco. – Entre aí, Mexicano!

MEX: (*Blasfema em espanhol.*)

SHAPIRO: Desordem? Eu não. Não.

SCHULTZ: Xô, xô, xô – (*Ouve-se um lento arrastar de pés enquanto as luzes começam a esmaecer.*)

76

JOE: Jesus!

RAINHA: O Swift não vai agüentar! Eles vão matar o Swift lá embaixo!

(*Ouve-se um assobio, em seguida o tinido de metal à distância.*)

BUTCH (*Assobia algumas notas, depois canta alto*):

Eles voam tão alto, quase alcançam o céu ⁹NT

Depois, como nos meus sonhos, eles esmaecem e morrem!

A sorte tá sempre se escondendo – eu procurei em todo lugar.

(*Tema musical mais alto, DIM OUT.*)

MEX: (*Protesta em espanhol.*)

SCHULTZ: Formem a fila! Marchem! Xô, xô, xô (*O som da voz diminui conforme eles andam, cabeças baixas, ombros caídos, arrastando os pés pelo corredor.*)

BLACKOUT LENTO

Episódio 11

Locutor: "Greve de Fome"

Um foco de luz no escritório. EVA entra.

DIRETOR: Você jantou?

⁹NT Tradução literal.

EVA: Sim, senhor.

DIRETOR (*Observa-a enquanto ela atravessa para a parte dianteira do palco.*): Detesto que você tenha que fazer hora extra assim... mas com os rapazes do Corredor C fazendo essa confusão toda, temos que manter os nossos livros em perfeita ordem... somente para o caso daqueles bisbilhoteiros profissionais pegarem no nosso pé por causa de alguma coisa!

EVA: Sim, senhor. (*Remove a capa da máquina de escrever.*)

DIRETOR (*Observando-a de perto.*): Espero que trabalhar à noite não atrapalhe muito a sua vida social.

EVA (*Cansada.*): Não tenho vida social no momento.

DIRETOR: Como é possível?

EVA: Estive muito ocupada à procura de emprego desde que me mudei para cá e então não tive muito tempo para fazer amigos.

DIRETOR: Sem namorado, então?

EVA: Ah, mas eu tenho alguns com que me correspondo por cartas.

DIRETOR: Sim, mas há um limite do que se pode por dentro de um envelope, certo?

EVA: Acredito que sim.-- Sr. Whalen, parece que há um bom número de discrepâncias negativas no relatório para o comissariado.

DIRETOR: Você quer dizer que não sou tudo certo?

EVA: Não consegui bater as contas em cerca de seiscentos dólares. (*O Diretor dá um assobio.*) O que devo fazer a respeito disso?

DIRETOR: Vou pedir pro Jim conferir isso com você de novo. Você sabe que muita coisa pode ser feita com assuntos como esse com um pouco de manipulação de valores. O Jim vai explicar pra você.

EVA: Sei.

DIRETOR: Quanto tempo faz que você trabalha aqui?

EVA: Duas semanas.

DIRETOR: Normalmente eu despeço uma garota em menos tempo do que isso, se ela não estiver à altura do emprego.

EVA (*Tensa.*): Espero ter demonstrado minha eficiência.

DIRETOR: Ah, eficiência! Não é eficiência que procuro nas minhas garotas.

EVA: E o que o senhor procura, Sr. Whalen?

DIRETOR: Personalidade! Você se encontra em uma posição onde precisa lidar com o público. Homens importantes vem tratar de política neste escritório. Você sorri pra eles, eles se sentem bem... E eles se importam com o dinheiro do contribuinte? -- Esses simplórios que ficam conferindo todas as contas, pra onde foi aquela moeda, o que foi feito com aquele centavo -- sujeitos ordinários, é esse o nome que eu dou pra eles! -- Não, senhor, não tenho respeito por um homem que deseja um emprego onde tem que ficar anotando cada níquel que tenha escorregado de suas mãos!-- Bem -- política, é disso que eu vou atrás! -- Ser político sobre alguns assuntos não ofende *nunca*, você entende?

EVA: Penso que sim.

DIRETOR (*Faz uma pausa.*): Qual é cor dessa blusa que você está usando?

EVA (*Nervosa, sente a aproximação dele.*): É verde-amarelada.

DIRETOR (*Estende a mão um pouco.*): Parece bem francesa.

EVA: Obrigada. (*Datilografa velozmente.*)

DIRETOR (*Abre a porta do quarto anexo e tosse, inseguro.*): Olhe aqui.

EVA: Pois não?

DIRETOR: Por que você não acaba com essa formalidade toda? (*Vai até ela.*) Como pareço pra você? Sem romantismo? Diferente daqueles atores de cinema? -- Bem, você ficaria surpresa de saber como me saio bem com as garotas! (*Senta-se no canto da mesa.*) -- Tive um encontro, um tempo atrás -- uma moça que trabalha no Mercado Cattle and Grain... mais ou menos da sua idade, corpo, tudo... (*Ele passa a língua pelos lábios.*) -- Quando acabava minha performance na cama ela dizia pra mim "Faz de novo, Papi, faz de novo"!-- (*Ele explode em gargalhada e dá um tapinha na mesa.*) - Por que? Porque ela *amou*, isso sim! (*Ele se levanta e dirige-se à porta do fundo.*) Já esteve aqui antes?

EVA: Não.

DIRETOR (*Animado.*): Entra aqui. Quero te mostrar como ficou agradável depois que pus em ordem.

EVA: Não.

DIRETOR: Por que não?

EVA (*Levanta, com movimentos rígidos.*): O senhor é casado, Sr. Whalen. Eu não sou esse tipo de garota.

DIRETOR: Ah, esse número já saiu de cartaz faz tempo!

EVA: Não é um número, Sr. Whalen!

DIRETOR: Não, assim como não era *A cabana do pai Tomás* quando a Evinha vai pro céu no Terceiro Ato em um monte de fios de aço! (*Ele bate a porta do fundo com violência, e depois ri.*) Pode ficar tranquila, irmã. E continue trabalhando nesse relatório.

EVA: Agora que o senhor me conhece melhor, ainda tenho o meu emprego?

DIRETOR: Ora, pode apostar que você ainda tem um emprego! (*Ele ri e agarra-a em um abraço desajeitado que ela suporta, rígida. JIM entra.*)

JIM: Com licença.

DIRETOR(*Ainda rindo.*): Pode entrar Jimmy, meu garoto. Quero que você confira o relatório para o comissariado com a Srta. Crane. Ela diz que ele está com algumas... como você chamou mesmo? Discrepâncias! Você sabe como consertar isso!

81

JIM: Sim, senhor.

DIRETOR: Como estão as coisas na Ala C? Bem tranquilas?

JIM: Tranquilas demais.

DIRETOR: Como assim?

JIM: Quando eles fazem algum barulho, nós sabemos o que está acontecendo.

DIRETOR: Eles estão tão apavorados que não soltam um pio desde que eu botei aquele bando no Buraco.

JIM: Não penso assim. Estou imaginando que eles não vão comer hoje à noite.

DIRETOR: Não vão comer? Você quer dizer – *greve de fome?* (*Um tanto alarmado.*)

JIM: Isso. Estão enjoados de macarrão.

DIRETOR: Uma mudança de clima talvez melhore o apetite deles!

JIM: Klondike?

DIRETOR: É.

JIM: A Klondike não comporta trinta e cinco homens.

DIRETOR: Comportaria a Ala C.

JIM: Certo, mas o Butch está na Ala C.

DIRETOR: E o que tem isso?

JIM: Ele tem muita influência nos rapazes.

DIRETOR: Ele é um encrenqueiro e eu vou dar uma liçãozinha nele.

JIM: Eu não tentaria isso, Chefe. A fome deixa os homens bem desesperados e se, além disso, o senhor torturá-los, não se sabe o que poderia acontecer.

DIRETOR: Greve de fome é uma coisa que não vou tolerar aqui dentro. Cria uma comoção no país inteiro. E depois? Notícias de todo tipo começam a pipocar sobre o tratamento brutal daqueles otários malditos que esfaqueiam as próprias mães em troca de uma cerveja!

JIM: A maneira mais fácil de evitar a greve seria melhorar a comida.

DIRETOR: Evitar a greve, uma merda! Eu vou é rebentar a greve em pedacinho! Espere até eles verem aquela gangue que nós botamos no Buraco – se isso não for o suficiente, a gente dá uma esquentada neles! (*Sai do escritório.*)

JIM: O homem é um lunático. Se você perguntar quem ele é, vai responder: “Benito Mussolini!).

EVA: Você tem razão. Eu suspeitei disso na semana passada, quando você me mostrou aquelas cicatrizes nas suas costas. Agora mesmo – antes de você entrar – ele me convenceu disso.

JIM: O que aconteceu?

EVA: Ele quis que eu entrasse naquela sala com ele.

JIM: Você não foi?

EVA: Não. Eu tinha certeza de que ele ia me despedir, mas ele só riu e apertou meu braço. – Olhe!

JIM: O quê?

EVA: Fiquei com uma mancha roxa no braço, onde ele me beliscou.

JIM: Quando ele era criança aposto que se divertia muito afogando gatinhos e arrancando as asas das borboletas. – Você ficou assustada?

EVA: MUITÍSSIMO assustada – e ao mesmo tempo – uma coisa mais.

JIM: O quê?

EVA: Se eu contar, você vai ter nojo de mim.

JIM: Atraída?

EVA: É de certo modo. Eu percebi que, se ele me tocasse, eu não conseguiria me mexer.

JIM: Na literatura chamam isto de horror fascinado.

EVA: Certo. Ou uma horrível fascinação.

JIM: Então, você está convencida que aqui não é lugar pra uma mulher?

EVA: Eu não vou me demitir. Ainda não.

JIM: Não? Se você esperar por um terceiro susto pode ser tarde demais.

EVA: Eu vou ficar. Eu tenho um pesadelo recorrente, Jim, em que eu me encontro sozinha numa enorme casa vazia. E sabendo que alguma coisa ou alguém está escondido atrás de uma das portas, esperando para me agarrar. – Mas em vez de fugir da casa, eu sempre procuro nela, abrindo todas as portas fechadas. – Mesmo quando chego na última porta, Jim, eu não paro – abro essa também.

JIM: E o que você encontra?

EVA: Não sei. Sempre acordo justamente nesse ponto.

JIM: Então você vai tentar essa mesma coisa aqui?

EVA: Alguma coisa desse tipo.

JIM: Garanto que não vai se decepcionar. Me dê o relatório do comissariado. – Não, tire essa folha, vamos começar tudo de novo. – Vamos ver quanto macarrão cabe em um automóvel de luxo. Cinco quilos de fluoreto de sódio. Não, é melhor falar em oito.

EVA: Oito quilos de fluoreto de sódio.

JIM: Oito quilos de – fluoreto de sódio.

EVA: Você acabou de falar isso.

JIM: Ah, é. Quarenta quilos de –

EVA: Jim.

JIM: Sim?

EVA: Por que você nunca abre a porta atrás da qual você *se esconde*?

JIM: O que te faz pensar que eu me escondo atrás de alguma coisa?

EVA: Seus olhos, o jeito que suas mãos tremem em alguns momentos.

JIM: Ah. Isso.

EVA: Ajudaria se você se abrisse. Quero dizer, com a pessoa certa.

JIM: E quem é essa pessoa certa?

EVA: Eu.

JIM: Como você sabe?

EVA: Porque eu estou te dizendo.

JIM: Uma porção de pessoas diz uma porção de coisas e a maioria delas são mentiras.

EVA: Eu não estou mentando, Jim – eu quero que você confie em mim.

JIM: Certo.

EVA: Então me diga – o que é isso?

JIM: Isso o quê?

EVA: Suas mãos – por que elas tremem assim?

JIM: Eu pensei que já tinha dado uma demonstração clara pra você.

EVA: Quando?

86

JIM: Naquela manhã em que ouvimos a banda.

EVA: Você quer dizer que é... repressão.

JIM: Isso mesmo. Algo que está preso e continua aumentando e aumentando o tempo todo. Há muitos homens aqui com dedos que balançam dessa maneira. Isso é poder. Lá fora ele move dínamos, ilumina grandes cidades. Mas aqui o poder é todo desperdiçado. Ele apenas alimenta a si mesmo, cresce, e não faz nada. Até que alguma coisa o detona da mesma maneira como um fósforo faz com um barril de pólvora – e então você tem uma explosão!

EVA: Explosões são um -- desperdício -- tão grande de poder!

JIM: É. Mas qual é a alternativa aqui?

EVA: O que você escreve!

JIM: Editoriais para o Arqueopterix?

EVA: Não! Você tem o próximo mês para pensar nisso, Jim.

JIM: O próximo mês ainda está nas mãos dos deuses. O que é uma maneira gentil de se referir ao Conselho de Indultos e Condicionais.

EVA: Eu não sei por quê, mas estou tão certa disso, Jim. Esses dez anos de -- de espera -- o fizeram mais forte que outros homens -- Você acumulou tanto em si mesmo que quando você põe pra fora, nada fica no seu caminho. Você vai derrubar todos os muros e passar por cima deles, Jim -- As pessoas vão dizer “Quem é esse homem? De onde ele veio?”... e vou sorrir com orgulho porque eu saberei -- Ele é um homem de outro país, eu vou dizer -- Ele é um gigante -- Ele tem o raio na sua mão direita e o trovão na esquerda -- Mas eu vou saber -- vou saber segredos sobre você -- todas as doces e estranhas coisas que só uma mulher pode saber.. e eu tenho certeza que – (WHALEN *entra.*) Quantos quilos que era... de fluoreto de sódio?

JIM: Oito.

DIRETOR: Como você está se saindo com a reportagem?

JIM: Não fizemos muito ainda. Temos que conversar.

DIRETOR: Sobre o quê?

JIM: Fogos de artifício.

DIRETOR: Muito oportuno. Schultz está trazendo o pessoal do Buraco pra inspeção. Arrume cadeiras pra eles fora do caminho.

JIM: Sim, senhor.

DIRETOR: Você fica ali na janela e anda logo! Eva... você quer ficar aqui ou na outra sala?

EVA: Vou ficar.

(Uma campanha toca.)

DIRETOR: Ok. Faça-os entrar! *(Uma fila de figuras abatidas, parecendo fantasmas se desloca para dentro da sala, com os olhos piscando contra a luz, mal capazes de se manter de pé – uns com a cabeça sangrando, outros com a camiseta manchada, em farrapos. O Diretor assobia.)*

SCHULTZ: Fiquem contra a parede!

DIRETOR: Bando de boa aparência. Vão causar uma boa impressão quando voltarem pra Ala C! *(Para SWIFTY):* Há quanto tempo você está no Buraco, filho?

(Swiftly não pode responder. Seus lábios se movem e ele balança para frente, com um gesto de súplica. O Diretor levanta o cassetete e continua.) Vai prá lá! Por que você não fala?

JIM: Ele não pode falar.

DIRETOR: Mudo?

EVA: Não. Doente. Ele passou cinco dias em uma camisa de força.

DIRETOR: Eu acho que ele precisa de mais cinco.

(SWIFTY cai de joelhos.)

JIM: Acho que o Swifty já teve o bastante, chefe.

DIRETOR: Quem lhe perguntou?

JIM: Ninguém.

DIRETOR: Apenas ofereceu a informação?

JIM: Sim, senhor.

DIRETOR: Talvez você queira ficar no lugar dele lá embaixo.

JIM: Não, senhor.

DIRETOR: Então acho melhor você calar a boca. Ollie?

OLLIE *(Debilmente)*: Sim, senhor.

DIRETOR: Você parece meio cansado.

OLLIE: *(Com a voz tremendo.)*: Eu tô, sim senhor. Eu quase morri ontem de noite. Chefe, eu num pensei que eu ia vivê pra vê o dia!

DIRETOR: Acha que uma outra noite poderia renovar você?

OLLIE: Eu num ia aguentá, chefe.

DIRETOR: O que você acha, Schultz?

SCHULTZ: Eu acho que uma outra noite faria um bem danado pra esse garoto, Sr. Whalen.

OLLIE *(Descontrolado.)*: Por favor, Deus, chefe, eu num ia aguentá, eu num ia *aguentá!*

DIRETOR: Duas noites! Uma extra por ficar cacarejando!

OLLIE: Oh, Senhor, que confusão, por favor, oh, Jesus, por favor, que confusão... *(Ele continua a prece como se fosse um tipo de cântico enquanto são conduzidos para fora.)*

DIRETOR: Tire eles daqui! Dou uma olhada neles de novo amanhã de manhã. *(Eles se arrastam para fora, lentamente, OLLIE entoando sua prece. JIM os segue.)* Já ouviu um grasnido desses? *(Eva afunda, exausta, na cadeira.)* Você vai surtar de novo?

EVA: Não, eu estou bem. Eles pareciam tão doentes que me senti um pouco enjoada.

DIRETOR: É claro que eles parecem doentes. Talvez eles vão apreciar um bom tratamento depois disso – aposto como não vai mais ter reclamações sobre a comida.

(Do corredor vem o som de tumulto. JIM entra.)

DIRETOR: Que está acontecendo lá fora?

JIM: Ollie acabou de...

DIRETOR: Cair?

JIM: É. Bateu a cabeça na parede e e ela se quebrou.

DIRETOR: A cabeça ou a parede?

JIM: A cabeça.

DIRETOR: Está bem. Levem ele pra enfermaria.

JIM: Não pra enfermaria.

DIRETOR: Morto?

91

JIM: Está.

DIRETOR: Por que você não toma conta? Você podia ter evitado isso – Dê uma das fichas pra Eva – Não, da gaveta de cima. Preencha aí. Nome. – Qual era o nome daquele fumador?

JIM: Oliver. Oliver Jackson.

DIRETOR: Seu amigo especial?

JIM: Todos os rapazes gostavam do Ollie.

DIRETOR: Ah. Quantos anos?

JIM: Vinte e seis.

DIRETOR: Cor – preto! Pena –

JIM: Três anos.

DIRETOR: Acusação?

JIM *(Lentamente.)*: Roubou uma caixa de enlatados de um caminhão pra alimentar a família.

DIRETOR: Furto! – Causa da morte? – O que deu no Wasserman dele?

JIM: Não tinha sífilis.

DIRETOR: Hummm. Escreva aí, Eva. Úlceras no estômago. Hemorragias severas.

JIM: Foi isso que o senhor deu pra aquele rapaz na semana passada.

DIRETOR: Bem, então transforme isso em resfriado forte – complicações – pneumonia! *(O som de gritos começa a penetrar no escritório. O DIRETOR fica irritado por um momento, mas continua.)* O que é isso?

JIM: Estão fazendo barulho.

DIRETOR: *(Instintivamente agarra o chicote.)* Tá vindo de onde? Da Ala C?

JIM: Não. Das Alas A, B, C, D, E e F!

DIRETOR: (*Tremendo.*) Que sacanagem é essa agora?

JIM: Eles devem ter sabido do Ollie. Eles gostam bastante dele.

DIRETOR: Ah. – (*Com expressão de medo.*) – Schultz! (*Apanha o telefone.*) Schultz? Como está o encanamento da Klondike? Mande testar os aquecedores e deixe eles prontos pra funcionar.

(*Subitamente, escuridão total no palco.*)

SUSSURROS (*Gradualmente aumentando em volume e intensidade.*): Alguém se machucou lá embaixo. – Quem foi? – Ollie! – Ollie? – É, eles mataram o Ollie. – O Ollie morreu. – Eles mataram o Ollie. – O Ollie morreu. – Eles MATARAM O OLLIE. – ELES MATARAM O OLLIE. – O OLLIE MORREU!

(*Um foco de luz ilumina a cela. BUTCH está dobrado junto à parede. De repente ele se levanta.*)

BUTCH: O Ollie morreu. ELES MATARAM O OLLIE! (*Ele grita entre as grades.*)

CORO: O Ollie morreu! Eles mataram o Ollie!

JOE: O nós vamos fazer por causa disso?

BUTCH: Não vamos comer! (*Grita entre as grades.*) NÃO COMAM.

CORO: Não comam! Não comam!

BLACKOUT

SUSSURROS: O que o Butch tá falando? – O Butch tá falando pra gente não comer. – Greve de fome? – É, greve de fome! – O Butch tá falando pra gente fazer GREVE DE FOME! – Greve de fome. – Não comam. – Não comam. – GREVE DE FOME!

VOZ: Os homens da Ala C pararam de comer!

SEGUNDA VOZ: Greve de fome na Ala C!

VENDEDOR DE JORNAIS: *Estrela da Manhã!* Jornal! *Estrela!* Jornal! Leia tudo sobre a grande greve de fome!

VOZ FEMININA: Recebemos informação de que alguns dos detentos da prisão estadual iniciaram uma greve de fome!

(*Ouve-se o clique de um telégrafo.*)

VOZ: Boletim da *Associated Press* – Greve de fome na Penitenciária da Cidade de Monroe! Os detentos se rebelam contra o cardápio repetitivo!

VOZ: United Press!

VOZ: Columbia Broadcasting System!

VOZ: Autoridades prometem uma investigação sobre a suposta greve de fome na penitenciária estadual!

VOZ: Diretor desmente greve de fome!

VOZ: Constatada uma greve de fome!

VOZ: Desmentido sobre a greve de fome!

VOZ: Greve de fome! GREVE DE FOME!

(*Ouve-se ruídos de tráfego, sirenes, sinos. Em seguida, a reprise do tema musical: “Abertura 1812”. BLACKOUT. FADE.*)

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Episódio 1

Locutor: “Não será de Rouxinóis”

Um foco de luz ilumina o escritório. A greve de fome já dura vários dias. A atmosfera é tensa, elétrica. Todos aguardam pela explosão inevitável quando os nervos passarem do nível suportável. EVA está sentada, sozinha, quando se abre a cena. Seus movimentos são nervosos. Toca o telefone.

EVA: Escritório do Diretor. Estrela da Manhã? Não, o Sr. Whalen não está atendendo nenhum repórter. Não, não existe nenhum problema sério aqui. Não, vocês não podem entrar na ilha sem uma permissão especial do Sr. Whalen. A regra está em vigor há cerca de seis dias. Não, não é por causa de uma greve de fome! Sim, até logo.

(Durante a conversa, entra o CAPELÃO. EVA se assusta e depois continua a falar.)

EVA: Oh!

CAPELÃO: Nervosa, senhorita?

EVA: MUITÍSSIMO - muitíssimo!

CAPELÃO: Eu não a culpo. Também estou. Esta coisa tem de ser interrompida antes que aconteça algo sério.

EVA: Ah, se isso fosse possível!

CAPELÃO: É sobre isso que desejo conversar com o Sr. Whalen. Não é bom tentar esconder todas as notícias sobre o que está acontecendo. Seria melhor encarar a situação – e fazer alguma coisa construtiva pra colocar um fim nela!

96

EVA: Sim. Algo construtivo.

CAPELÃO: Mas nesse meio tempo -- a senhorita não poderia tirar umas férias?

EVA: O senhor acha que há um -- perigo real?

CAPELÃO: Certamente há perigo. O que é agravado pelo fato de que o Sr. Whalen aparentemente não percebe isso. Eu gostaria de poder convencer aquele homem, mas -- Bem *(Ele olha para o relógio.)* – Vou visitar alguns rapazes no hospital e volto aqui pra conversar com o Chefe daqui a uns vinte minutos.

EVA: Está bem.

(Jim entra.)

CAPELÃO: Olá, Jim. Como estão as coisas lá em cima?

JIM: *(Mostrando um braço sangrando e a manga rasgada.)*: Eis a resposta.

EVA: *(Pulando da cadeira.)*: Jim!

JIM: *(Dá um sorriso amargo.)*: Estava passando muito próximo a uma das celas.

CAPELÃO: Quem fez isso?

JIM: *(Balançando lentamente a cabeça.)*: Eu não sei.

CAPELÃO *(Dando tapinhas em suas costas.)*: Você teve dez anos ruins, Jim. Espero que no próximo mês isso acabe pra você.

JIM: Obrigado, reverendo. *(O Capelão sai.)*

EVA: Jim, eu... eu cuido disso pra você.

(Ele se senta à escrivaninha.)

JIM: Lá na enfermaria eles me deram esse negócio pra colocar aí. Eles ficaram muito irritados porque eu não lhes disse quem fez isso. EVA: *(Medicando seu braço e aplicando uma bandagem)*: Você não deveria ficar aqui em cima. Não é seguro.

JIM: Nenhum lugar é seguro aqui. Você não está finalmente convencida disso?

EVA: Por que você está tão ansioso pra se livrar de mim?

JIM: Você sabe muita coisa que poderia contar.

EVA: É. Acho que sim.

JIM: Então por que você não conta?

EVA: Quero ficar aqui um pouco mais. Talvez no mês que vem eu vá – nós dois iremos.

JIM: Eles estão numa greve de fome há seis dias e o Diretor só lhes deu sete. Esta noite pode ser o limite. Amanhã à noite no máximo.

EVA: E então?

JIM: A sala da caldeira está em perfeitas condições. Os canos foram reforçados.

EVA: Não posso imaginar nada tão brutal -- eu não acredito nisso!

JIM: Bem -- eu mesmo deveria espalhar isso -- mas se o fizesse, isso custaria meu bilhete de saída -- Que engraçado.

EVA: O quê?

JIM: Nada realmente tem tanto valor quanto a pele que embrulha as nossas entranhas. *(Ele pega um livro e se senta na janela.)* *(EVA continua a datilografar. JIM de repente arranca uma página e a joga no chão, com desgosto.)* Cristo! EVA: Por que você fez isso?

JIM: Eu não gostei.

EVA: O que era?

JIM: Uma pequena amostra de palavras enfeitadas de um cara chamado Keats.

EVA: O que há de errado com ela?

JIM: É coisa de maricas -- “Ode a um Rouxinol!” Esses rebeldes literários não sabem que há coisas mais importantes pra se escrever além disso? Eles deveriam passar alguns anos na prisão antes de escolher esses assuntos!

EVA: Por que você não mostra a eles, então?

JIM: Eu daria meu braço direito pra ter essa oportunidade.

EVA: Você tem essa oportunidade!

JIM: Não, aqui eu não tenho. Se eu escrevesse o que gostaria, ficaria aqui até a Klondike virar uma fábrica de gelo! Mas talvez no mês que vem...

EVA: Sim, no mês que vem...

JIM: Talvez então eu comece a escrever... mas não será de rouxinóis!

EVA: John Keats não teve muito tempo pra isso, Jim.

JIM: Não?

EVA: Não. Ele morreu aos 26 anos.

JIM: Imagino que se sufocou em lírios.

EVA: Não. Ele queria viver. MUITÍSSIMO. Ele era como você, tinha um monte de coisas que queria dizer, mas não tinha oportunidade. Ele escreveu um outro poema, Jim. Um poema do qual você gostaria. Me dê o livro – aqui está! (*Ela lê o soneto “Quando receio que eu possa deixar de existir”*):

Quando receio que eu possa deixar de existir, ¹⁰NT
Antes de escrever o que diz meu cérebro abarrotado,
Antes que os livros, com seus símbolos e sinais,
Armazenem em silos preciosos o grão maduro;
Quando me deparo, no rosto estrelado da noite,
Com os símbolos nebulosos do amor maior,
E penso que posso não viver para seguir
Sua sombras, com a mão mágica da oportunidade;
E quando sinto, criatura maravilhosa de um momento!
Que não mais poderei contemplar seu semblante,
Nem apreciar, no reino das fadas, o poder
Do amor irrefletido! – depois na costa
Do mundo imenso estou só, e me ponho a pensar,
Até o amor e a fama se transformam em vazio.

Perceba que ele era como você, Jim. Ele saiu de sua prisão ao olhar para as estrelas. Ele escreveu sobre beleza como uma forma de fuga.

JIM: Fuga, hein? Essa não é a minha maneira de fugir.

EVA: Qual a sua forma de fugir?

JIM: Explodindo tudo às claras!

EVA: Destruição, você quer dizer?

JIM: Isso! Destruição!

EVA: É uma pena ouvir você dizer isso.

JIM: Você preferiria me ouvir chilreando sobre rouxinóis?

EVA: Não. Mas há outras maneiras.

JIM: Por exemplo?

EVA: Deve haver algumas coisas que você ame.

¹⁰NT Rascunho.

JIM: Amor?

EVA: Sim.

101

JIM: O amor é algo sórdido, praticado nos cantos escuros neste lugar.

EVA: Sinto por você estar tão amargo.

JIM: Por que você sentiria qualquer outra coisa que não fosse a possível perda do seu emprego?

EVA: Por que? Porque eu gosto de você, Jim.

JIM: Mesmo depois – depois da última vez que estivemos juntos aqui dentro?

EVA: Mais do que nunca.

JIM: Quando se está sem mulheres o tempo que eu estou, existe algo mitológico a respeito delas. Não se consegue acreditar que elas são reais, nem mesmo quando se coloca as mãos nelas assim e

–

EVA: Jim! (*Ela se afasta quando WHALEN entra.*)

DIRETOR: Qual é o problema, Jim?

JIM: Por quê?

DIRETOR: Você está com uma expressão engraçada no rosto.

JIM: Só estou me concentrando.

DIRETOR: No quê?

JIM: Na nova edição do *Arqueopteryx*.

DIRETOR: Ah, sobre o que você vai escrever, Jim?

JIM (*Calmo.*): Não será de – rouxinóis.

DIRETOR: Hã? (*Distraído, remexendo seus papéis.*) Ah, Jim –

JIM: Sim, senhor?

DIRETOR: Você devia contar pros rapazes que estão fazendo a greve de fome sobre o teste dos aquecedores que fizemos na Klondike – Você podia mencionar isso. Você sabe que, pra quem é sabido, uma palavra basta.

JIM: Receio que não haja muita sabedoria na Ala C. Boa noite.

(*JIM se retira. Entra o CAPELÃO.*)

DIRETOR (*Acendendo um charuto.*): O que você quer, reverendo?

CAPELÃO: Eu gostaria de conversar com o senhor sobre a morte de Oliver Jackson.

DIRETOR: O que tem ela?

CAPELÃO: Penso que poderia ter sido evitada.

DIRETOR: Claro que poderia. Ninguém mandou aquele negro tonto se fingir de besta.

CAPELÃO: Ele foi levado ao desespero.

DIRETOR: Nossa, você pensa assim?

CAPELÃO: Desde que estou aqui, tem havido suicídios demais, muitos afogamentos, enforcamentos, os assim chamados acidentes. Agora parece que estamos em risco de ter um suicídio em massa na Ala C. Os rapazes entraram em greve de fome, o que acho totalmente justificado pela qualidade da comida que estão recebendo.

DIRETOR: Ah. Agora estou começando a desconfiar que você é o responsável pelas histórias malucas que andam vazando para o público a respeito das coisas aqui dentro. Acho que você é o que os rapazes chamam de – dedo-duro, reverendo.

CAPELÃO: Sou um servidor consciencioso de Cristo e, como tal, protesto contra o tratamento desumano dado aos detentos nesta prisão!

DIRETOR (*Erguendo-se num pulo.*) Quem dirige esta prisão, você ou eu?

CAPELÃO: Sr. Whalen, o universo é como um jogo de blocos. Daqueles que o senhor usava no jardim da infância. Um pequeno que se encaixa num grande, um maior sobre esses dois, até chegar ao maior de todos, que se encaixa sobre todos os demais –

DIRETOR: É?

CAPELÃO: É. E aquele bloco maior de todos é aquele que estou representando – o Reino de Deus. (*Levanta-se com dignidade.*)

DIRETOR: Bem, estou achando que o seu trabalho aqui começou a interferir com as suas – suas tarefas superiores – eu quero que você suba naquele bloco maior de todos, naquele você está falando e fique lá em cima. Aquele é o seu lugar. E me deixe sozinho aqui embaixo no bloco pequeno – Você está demitido, reverendo – Pode ir agora.

CAPELÃO: Eu poderia sair daqui satisfeito se não fosse pelo que tenho de levar comigo.

DIRETOR: Você não está levando nada além das roupas no seu corpo.

CAPELÃO: Estou levando muito mais do que isso.

DIRETOR: Ah, talvez seria melhor eu mandar te revistar quando sair.

CAPELÃO: O senhor poderia me deixar nu e eu ainda teria tudo comigo.

DIRETOR: Tudo o quê?

CAPELÃO: Lembranças – sombras – fantasmas!

DIRETOR: É? (*Levanta o telefone.*) Me ligue com Atwater 2770.

CAPELÃO: Coisas que vi e que não consigo esquecer. Homens torturados, deformados, enlouquecidos. A morte é o de menos. É a *vida* aqui dentro que vai ficar em mim como uma doença incurável. E, por Deus, Whalen, isso não é blasfêmia – por Deus, não vou descansar enquanto não ver estas paredes derrubadas, pedra por pedra, e, no lugar delas, construídas outras que deixem entrar o ar! Boa noite! (*Sai rapidamente.*)

DIRETOR: Alô, reverendo? Aqui fala o Diretor Whalen. Nosso capelão acabou de se demitir. Eu quero que você venha aqui pra conversar comigo – posso ter um emprego fixo pra você. Sim, senhor! Esteja aqui a tempo para o serviço de domingo – (*Desliga.*) Lembranças, sombras, fantasmas! Que maluco! (*Serve-se de uma bebida.*)

DIM OUT

Episódio 2

Locutor: “Manhã de Domingo na Ala C!”

Um foco de luz ilumina a cela. JOE, RAINHA e SWIFTY estão lendo partes de um jornal dominical. Ouve-se a voz de BUTCH, vinda do corredor –

BUTCH (*Aproxima-se. Cantando.*): “I’m forever BLOW-ING bub-bles!”¹¹NT (*Entra na cela com uma navalha de barbear, toalha e sabão.*) Quem deu esse jornal pra vocês?

JOE: Allison. O Canário.

BUTCH: Some com ele daqui!

JOE: Por quê?

BUTCH: Está contaminado.

JOE: Ora, dá uma olhada nas piadas.

BUTCH: Não, me dá aquela coluna de basebol. Ei! Olha isso aqui!

JOE: O quê?

BUTCH: “Um bu-quê de botões!”

JOE: É. Tão debutando na sociedade.

BUTCH: “A Srta. Hortense Maxine Schultz, filha do Sr. e da Sra. Max W. Schultz, da rua dos Salgueiros, 79, fará seu debute à sociedade no início deste outono. Ela pertence ao grupo de moças que viajou pela Europa neste verão com a Sra. J. Mortimer Finchwell –“

106

BUTCH: “Pelo lado paterno, a Srta. Schultz é descendente direta de William, o conquistador, e do lado materno de Ponce de Leon, de Sir Isaac Newton e da tia de George Washington!”

JOE: Minha nossa, eles são uns pãos-duros! Por que eles num falam de Benito Mussolini pra melhorar?

BUTCH: “Seu avô foi o falecido Benjamin F. Schultz, presidente e fundador da Engarrafadora Schultz.”

JOE: É grana pra caramba, hein?

BUTCH: “Em acréscimo às suas muitas outras realizações...!” Ei, ouve isso!

JOE: Hã?

BUTCH: Aqui embaixo eles admitem que ela nem é humana!

JOE: Como assim?

BUTCH: Diz aqui que “Em acréscimo às suas muitas realizações, a Srta. Schultz é uma excelente *amazona!*”

JOE: Diabo, cê pode dizer isso só de olhar pra foto dela.¹²

¹¹NT Tradução livre: “Vou sempre soprar bolhas.” Canção popular de 1918, música de John Kellete, letra de Jann Kenbrovin. Teve várias paródias e é o hino do clube de futebol West Ham United, de Londres.
<http://www.youtube.com/watch?v=RDcPFxKhz14>

¹² Um Clube de Caça era de prestígio na St. Louis de 1936, quando o *Post Dispatch* anunciou 1000 pessoas participando do *Spring Horse Show*. “Engarrafadora Schultz” é sem dúvida a cervejaria *Anheuser Busch*. Nesta cena,

BLACKOUT

EPISÓDIO 3

LOCUTOR: “O Sr. WHALEN *entrevista o Novo Capelão!*”

Um foco de luz surge no escritório. WHALEN e o REVERENDO HOOKER acabaram de voltar do jantar de domingo. O REVERENDO HOOKER é um homenzinho nervoso e meticuloso, com uma enorme necessidade de agradar.

DIRETOR: Eu te trouxe até aqui sem aviso. Veja bem, eu e o antigo capelão tivemos uma pequena discussão ontem à noite, e o resultado foi que ele se demitiu na mesma hora! Ele cometeu um erro fatal, reverendo... Ele meio que esqueceu quem estava no comando desta instituição.

REVERENDO: Não creio que cometerei o mesmo erro, Sr. Whalen.

DIRETOR: Não, nem eu. A primeira vez que te vi, eu disse pra mim “Eis um homem que parece se ajustar a situações.”

REVERENDO: Eu me orgulho de ser... ajustável!

DIRETOR: Bom. O senhor vai descobrir que isso é uma qualidade neste lugar, uma qualidade na certa. Qual sua idéia do universo, reverendo?

REVERENDO: Perdão?

DIRETOR: Vamos supor que o senhor me dá uma pequena imagem de como concebe esse grande mistério... *(Ele faz um gesto amplo.)*

REVERENDO: O cosmo?

DIRETOR: Isso! No qual nós humanos somos pequenas partículas esvoaçantes, por assim dizer. *(Ele faz um gesto de escárnio com as mãos, imitando algo esvoaçante..)*

REVERENDO: Bem... hã... claro que há o conceito ortodoxo do universo constituído de três elementos --

DIRETOR: Sim?

REVERENDO: Céu, terra e -- hã-- as regiões inferiores.

DIRETOR: Aqui nós chamamos essasde Klondike.

REVERENDO: Perdão?

DIRETOR: Deixa isso pra lá, reverendo.

REVERENDO: Humm. Claro que há alguma discussão quanto à existência material dessas -- hã -- regiões profundas --

Williams satiriza a sociedade de St. Louis, da qual sua família fora excluída, como sendo dominada pelos novos-ricos barões da cerveja.

NÃO SERÁ DE ROUXINÓIS
RASCUNHO 01 OUT

DIRETOR: Não há dúvidas quanto a isso aqui. Não senhor. Mas o que eu queria saber, reverendo, é se você tem alguma teoria sobre um jogo de blocos – você ocupando o mais alto e eu o mais baixo – foi o que fez o último pastor ter problemas comigo.

REVERENDO: Blocos? Oh, meu caro, não! Isso me parece -- simples demais, para dizer o mínimo!

DIRETOR: Pois é, coisa de jardim de infância. Bem, então está certo, reverendo. *(Ele dá uma olhada para seu pesado relógio de ouro.)* Temos aproximadamente cinco minutos até abrir a igreja. O senhor é bom em fazer discursos improvisados?

REVERENDO: Oh, sim, de fato, sim, de fato sou! Posso dizer com segurança que nunca me faltaram palavras em qualquer ocasião, Sr. Whalen.

DIRETOR: Bem, seu emprego depende disso. Não tenho tempo pra entrar em detalhes, reverendo. Mas quero que você aborde três assuntos em particular. Não me importa como, o que me importa é que faça isso, e que dê a eles a devida ênfase!

REVERENDO: Três assuntos!

DIRETOR: Sim, senhor! Anote-os, reverendo. Comida!

REVERENDO: Comida?

DIRETOR: Esse é o primeiro. Depois, calor!

REVERENDO: Calor?

DIRETOR: Isso. E depois, Klondike! *(Um sino bate.)* Aí está o sinal. Estou dois minutos atrasado. Lembre agora, comida, calor e Klondike!

REVERENDO: O que é o último? Klondike? O senhor quer dizer -- há -- trabalho missionário no norte distante? Entre os esquimós? Receio que essa associação de idéias seja um pouco difícil para eu compreender, Sr. Whalen -- porém --

(A luz diminui. Um foco de luz ilumina REVERENDO HOOKER atrás de um pequeno púlpito.)

REVERENDO: Sim -- há -- muito boa tarde para vocês todos. *(Ele limpa a garganta; depois, dá um grande sorriso para os presos.)* Espero que vocês tenham apreciado seu jantar tanto quanto eu --

VOZ: Carne moída e macarrão! *(Ouve-se um coro de vaias. Um apito de aviso soa, depois silêncio.)*

REVERENDO: Comida é uma bênção tão familiar que -- há -- algumas vezes nos esquecemos de ser realmente gratos por ela. Mas quando leio sobre as horríveis condições de partes da Europa e da Ásia, que são terrivelmente afetadas pela fome -- tsc, tsc -- eu sinto que sou realmente afortunado por ter o estômago cheio! *(Ouvem-se vaias, alguém apita.)*

Quando alguém pensa em comida -- há -- esse alguém também pensa em uma natural associação de idéias -- sobre --há --a maravilhosa bênção do -- há -- calor! Calor -- há -- que faz a comida ser possível -- maravilhoso calor! Calor de todos os tipos! O calor do sol que aquece a atmosfera da Terra e permite o crescimento dos vegetais e dos grãos e das -- há -- frutas -- há -- o calor do --há -- corpo -- há -- *(Ele enxuga a testa.)* calor, calor universal -- Nesta época do ano alguns de nós acham o calor opressivo -- há -- mas isso é ingrato da nossa parte, extremamente ingrato -- *(Ouve-se um lento bater de pés.)*

(O pastor continua, elevando sua voz.) Porque toda matéria viva depende da presença de calor -- do norte ao sul do equador e nos pólos -- e mesmo no distante Alasca -- mesmo em Klondike -- *(O bater de pés fica mais alto.)*

O que seria de Klondike sem o calor? Uma terra gelada! *(Ele esfrega a testa e dá uma olhada nervosamente em volta.)* Em Klondike nossos bravos missionários, arriscando suas vidas entre tribos selvagens de guerra -- índios pintados -- *(Um hinário é arremessado: ouve-se um furioso bater de pés.)*

111

Deus do céu – Como eu estava dizendo – em Klondike --!

(Alguém atira nele um hinário. Um apito, gritos, som de uma sirene. DIM OUT. Um zombeteiro interlúdio de jazz. Um foco de luz ilumina o escritório. O REVERENDO rapidamente leva um lenço à testa.)

REVERENDO: Ai, tende piedade de nós!

DIRETOR *(Ao telefone.)*: Schultz? Todos os guardas de plantão! Descubra quem atirou aquele livro de música no Reverendo. Caramba! Eu te dou minha palavra, reverendo, que eu não estava esperando uma reação dessa! Foi uma surpresa total!

REVERENDO: Ahhhh! Receio que preciso de cuidados médicos.

DIRETOR: É, bem, eu quero que você aceite esta nota de cinco, reverendo.

REVERENDO: E o choque nervoso, o senhor sabe! Minha nossa!

DIRETOR: Foi? Bem –

REVERENDO: Terrível, terrível! Uma experiência chocante!

DIRETOR: Tome aqui mais dois dólares.

(Tema musical: jazz.)

BLACKOUT

Episódio 4

Locutor: “A Hora H!”

Um foco de luz ilumina o escritório do DIRETOR. EVA datilografa, com gestos nervosos. Entra JIM -- sua tensão crônica agora está no ponto máximo. Até seus movimentos são rígidos, como os de um autômato, os olhos parecem chamas.)

EVA *(Fica de pé num salto, quando ele entra.)*: Jim, você não está -- ?

JIM: Não, eu não estou trancado na Ala C.

EVA: Não tenho te visto. Estava com medo que –

JIM: Você deve ter se esquecido do valor especial que eu represento.

EVA: Você parece muito cansado, Jim.

JIM: Estou mesmo. Como *you* está dormindo à noite?

EVA: Ultimamente não estou dormindo bem.

JIM: Como você consegue dormir sabendo o que sabe e ficando calada?

EVA: E o que mais posso fazer além de ficar calada?

JIM: Você poderia falar. Poderia contar à Sociedade Humana Estadual que três mil e quinhentos animais estão morrendo de fome e ameaçados de tortura.

EVA: E perder o meu emprego?

JIM: Ah, me desculpe por ser tão insensível.

EVA: Você não compreende. Antes de conseguir este emprego, eu já estava há seis meses sem trabalhar.

JIM: Você já me contou isso.

EVA: Cheguei ao meu último centavo. Uma vez um homem seguia pela rua e eu fiquei parada, esperando que ele chegasse perto. É, eu estava tão lá em baixo, eu ia pedir dinheiro para ele –

JIM: E pediu?

EVA: Não. No último momento eu não consegui. Em vez disso, continuei com fome. (JIM *olha para ela.*) Agora você quer que eu volte pra aquela situação? Os tempos não estão melhores. Agora talvez eu tivesse mais coragem, ou menos decência, ou talvez ficasse com mais fome do que fiquei antes.

JIM: É melhor se agarrar ao seu trabalho, senhorita Crane – mesmo que isso signifique participar de um massacre!

EVA: Não está tão ruim assim.

JIM: Vai ficar muito ruim. Agora eu mesmo vou falar. Mesmo que isso signifique perder a minha chance de livramento condicional.

EVA: Não, você não pode fazer isso. Espere um pouco pra ver como as coisas acontecem.

JIM: Esta é a hora H. Whalen deu instruções para colocar a Ala C na Klondike hoje à noite, se eles não comerem o jantar.

EVA: Eu sei, ouvi quando ele falou. (JIM *tira o telefone do gancho.*) O que você vai fazer?

JIM: Estourar a tampa deste buraco fedorento.

EVA (*Agarrando o telefone.*): Não, Jim! Eu mesma faço isso! Eu falo!

JIM: Quando?

EVA (*Abaixando o tom de voz.*): Agora. Hoje à noite. Vou passar pelo jornal a caminho de casa.

JIM: Você vai, hem?

EVA: Vou.

JIM: Não. Espere até amanhã. Então vamos ter evidências mais precisas. Com a Ala C na Klondike.

(O DIRETOR *entra.*)

DIRETOR: Então, Jim? O que os rapazes da Ala C estão pensando sobre a mudança de clima que arranjei para eles?

JIM: Eles ainda não souberam disso. O Wilson vai contar pra eles quando tirar os homens do Buraco.

DIRETOR: Eles vão comer a comida hoje à noite.

JIM: O que ele vão ter para o jantar?

DIRETOR: O velho e eterno preferido deles, carne moída com macarrão. Eu é que não vou paparicar aqueles bastardos. – Me desculpe, Eva.

JIM: Eu acho que eles não vão comer.

DIRETOR: Você acha que não, hem? Bem, eu acho que sim! Eva –

EVA (*Que havia apanhado o chapéu.*): Sim, senhor?

DIRETOR: Quero que você volte depois da janta. Temos que deixar as coisas na mais perfeita ordem para o caso dos bisbilhoteiros chegarem.

EVA: Tudo bem.

DIRETOR: É melhor você pegar a balsa das sete e meia.

EVA: Sim, senhor. (*Ela sai.*)

JIM: Sobre a minha condicional, senhor Whalen –

DIRETOR: O quê? O tem ela?

JIM: Vai ser no próximo mês.

DIRETOR (*Grunhindo.*): Humm.

JIM: Acho que depende muito da sua decisão.

DIRETOR: Você é muito atrevido.

JIM: Por que o senhor está dizendo isso?

DIRETOR: Vem me amolar sobre a sua maldita condicional num momento como este!

116

JIM: É importante pra mim. Estou aqui há dez anos e tenho dez anos de níqueis. Estou pronto para o bilhete de saída.

DIRETOR: Você vai conseguir é uma passagem pra Klondike se falar sobre esse assunto de novo.

JIM (*Começando a avançar.*): Por Deus, eu --

DIRETOR: O quê?

JIM (*Faz um esforço para se controlar.*): Nada.

DIRETOR (*Inquieto.*): Estou saindo pra jantar. Volto lá pelas oito, oito e meia. Cuide de tudo aqui.

JIM: Sim, senhor.

(WHALEN *sai*. JIM *cobre o rosto, sufocando um soluço.*)

BLACKOUT

EPISÓDIO 5

Tema musical: "I'm Forever Blowing Bubbles." (Estou sempre soprando bolhas.)

Locutor: "Corredor C!". O tema musical é reduzido.

Um foco de luz na cela. O diálogo é um tanto leve, mas uma sensação subliminar de desespero deve ser percebida.

BUTCH (*rouco*): *I'm Forever Blowing Bubbles!* (Estou sempre soprando bolhas!)

JOE: Para de cacarejar esse número batido e fora de moda. Por que você num aprende alguma coisa nova?

BUTCH: Isso era novo da última vez que ouvi.

JOE: Antes de você ser preso?

BUTCH: Tinha acabado de ser lançado.

JOE: De lá pra cá deu tempo até de nascer as suíças.

BUTCH: Era a favorita da Goldie.

JOE: Achei que você tinha dito que ela gostava da *Dardanella*.

BUTCH: Ela gostava dessa aí também.

JOE: Que fim levou ela?

BUTCH: Eu que vou saber? Ela parou de escrever faz dez anos.

JOE: Cristo! Agora ela já deve ter morrido de sífilis.

BUTCH: Não, a Goldie não.

RAINHA: Eu queria estar morta. Eu costumava ter unhas bonitas. Olha pra elas agora. Meus dentes eram bonitos também. Eu tinha um cabelo bonito. Agora quando eu olho pra mim mesma, eu queria estar morta.

BUTCH: Fortune is always hiding – I looked everywhere! (A sorte tá sempre se escondendo -- Procurei em todo lugar!)

(Uma imitação vinda do corredor repete o refrão.)

BUTCH (*Pulando para as barras.*): Quem tá aí? É você, Krause? Quando eu quiser que um trapaceiro à toa como você se intrometa na minha cantoria, eu te mando um pedido especial.

RAINHA: É, eu queria era estar morta. Tomara que eu morra de fome. E eu vou. Já posso me sentir morrendo.

BUTCH: They fly so high, nearly reach the sky -- (Elas voam tão alto, quase alcançam o céu --) Eles costumavam desligar a luz nessa música. Tinha um tipo de bola de vidro prateado no teto que ficava virando, virando e jogava uns reflexos cor de arco-íris no chão todo e nas paredes -- Meu Deus, era lindo!

RAINHA (*levantando-se*): Juro por Deus que eu não vou agüentar muito tempo mais, Butch!

BUTCH: Não?

RAINHA: Não, eu tenho uma constituição fraca. Eu já tava acabada antes de entrar aqui. Diabo, foi uma armação. Eu não vendia maconha. Costumava fumar, mas nunca vendi! Perseguição, toda minha vida, perseguição! Agora, talvez eles me matem lá na Klondike, eu nunca vou sair, nunca -- nunca vou sair!

BUTCH: Fecha essa matraca!

RAINHA: Você já teve na Klondike, Joe?

JOE: Não. O Butch já.

RAINHA: Como é lá, Butch?

BUTCH (*Levantando-se devagar e indo para a frente do palco.*): Then, like my dreams they fade and die – (Então, como meus sonhos, elas fenecem e morrem --)

RAINHA: Dizem que não é tanto o calor.

JOE: O que é então? A umidade?

RAINHA: Não, você não consegue respirar direito. É tipo -- um sufocamento! (*Segura o colarinho com os dedos.*)

BUTCH: A sorte tá sempre se escondendo -- eu procurei em todo lugar! (A sorte tá sempre se escondendo -- Procurei em todo lugar!) I'm forever blowing BUBBLES! (Estou sempre soprando BOLHAS!) (*Para abruptamente.*)

(*Uma porta bate – os homens levantam-se simultaneamente, tensos. Ouve-se o som de uma tosse e soluços delirantes.*)

(*BUTCH continua suavemente.*) Estão trazendo eles do Buraco.

SCHULTZ: Vamos, se mexe, isso *ainda* não é uma marcha fúnebre! (*Ouve-se um moroso arrastar de pés, acompanhado de tosse, soluços. As cabeças dos homens nas celas movem-se lentamente da esquerda para a direita, com as bocas abertas, como se estivessem assistindo a uma horrível procissão.*) Alto! Fiquem de frente pra suas celas! Você também, Shapiro, será que eu tenho que falar em íidiche pra você entender?(*Ouve-se um gemido baixo. Butch agarra sua caneca de lata e a segura, sereno. Um apito soa; a porta da cela se abre.*) Marchando, vamos! Entrem lá, Trout! Shapiro! (*Swiftly entra na cela tropeçando, barba por fazer, aspecto horrível, soluçando.*) Está certo! Deem uma boa olhada neles. E lembrem-se disso! O Buraco é apenas uma pequena dose, comparado com a Klondike! Klondike é o grande remédio, e o Chefe está pronto pra servir ele em dose dupla pra qualquer um de vocês, sabichões malditos que não tiverem vontade de jantar esta noite!

VOZ (*Lenta e enfaticamente.*): Onde está o Ollie?

OUTRA (*Estacado.*): É, onde está o Ollie?

CORO: Onde está o Ollie, onde está o Ollie, o que vocês fizeram com o Ollie?

(*Ligeira pausa.*)

SCHULTZ: Quem é responsável se um preto idiota resolve bater a cabeça e botar os próprios miolos pra fora? (*Há um leve murmúrio de medo em sua voz.*)

(*Subitamente BUTCH bate na grade da cela com a caneca. Um lamento começa. Durante os diálogos anteriores, desde o momento de sua entrada, SWIFTY ficou parado, aturdido; agora ele cai lentamente de joelhos ao lado do beliche. RAINHA o conforta, desajeitadamente. JOE e BUTCH permanecem com a atenção fixa em SCHULTZ. Um apito soa. O murmúrio diminui um pouco.*)

SCHULTZ (*Permanecendo na direção da porta aberta da cela, no lado de fora.*) Estão vendo este termômetro aqui? (*Tira um termômetro grande do bolso.*) Estão vendo essa marquinha vermelha aqui? Aqui diz que é a Temperatura do Sangue. Agora tão vendo essa aqui mais em cima, sete graus a mais? Aqui tá dizendo que é Temperatura de Febre. Vocês acham que vai parar por aqui?

Nem pensar! Vai continuar subindo até estourar a ponta do marcador! Vai quebrar todos os recordes. Vai ser a maior onda de calor da história. Agora, se vocês não acham que eu sou um bom profeta do tempo, é só um dos seus mimados companheiros deixar um pedacinho de macarrão no prato hoje à noite pra ver o que acontece!

121

VOZ: Macarrão?

(Por um momento, segue-se um silêncio tenso e absoluto.)

SCHULTZ: É, macarrão!

BUTCH: Macarrão, né? – Nós não vamos comer essa porcaria nem hoje de noite e nem em nenhum outro dia – não até o Whalen parar de arrancar o nosso couro e dar pra gente comer alguma coisa diferente de lavagem de porco!

SCHULTZ: É isso que vocês querem que eu fale pra ele?

BUTCH: É, fale isso pra ele, e se ele não gostar –

(Vozerio. Um assobio. Uma porta batendo ao fechar. Diminui o volume das vozes.)

VOZ: Klondike?

OUTRA VOZ: Hoje à noite?

OUTRA: É, se a gente não comer!

VOZ: Klondike? Não?

OUTRA: Não se a gente for pra Klondike!

VOZ *(Num tom agudo e desesperado.)*: A gente não vai agüentar!

(Ouve-se uma tosse desvairada e soluços alucinantes. MEX reza com voz rouca e sufocada.)

MEX: Santa Maria – Madre de Dios -- ruega por nosotros pecadores -- ahora y en la hora -- de nuestra muerte. -- Amén.

(BUTCH chega até as grades e vocifera autoritariamente.)

VOZ: É o Butch!

OUTRA: O que ele tá falando?

MEX: Jesus – muerto por nuestros pecados!

BUTCH: Vocês todos calem a boca! Isso vale pra você também, Mexicano. Você vai ter tempo de sobra pra falar com Jesus quando chegar lá! Agora escutem aqui! – Todo mundo da Ala C que comer vai pagar pela janta no nosso julgamento particular. Eu vou determinar a multa máxima, vocês sabem o que é! – Vocês estão com medo da Klondike? Eu digo que eles podem jogar a gente na Klondike! – Pode ser que algum de vocês, irmãzinhas fracas, se derretam que nem torresmo. Mas não os vinte e cinco! Alguns de nós vão levar a melhor na Klondike! E a Klondike é a última carta na manga deles, depois de sair da Klondike, vocês já venceram tudo que eles tinham pra oferecer aqui dentro! Eles vão ficar na nossa mão pra sempre! E então o que acontece? Eles vão chegar na gente e dizer: “Vocês venceram! O que é que vocês querem?” Daí a gente diz: “O Chefe Whalen tá fora daqui! Arranjem um outro diretor pra nós! Nos ofereçam condições decentes de vida! Chega de superlotação, chega de gente empilhada com doenças contagiosas. Ar fresco nos blocos de celas, fumigação, e mais do que tudo – NÓS QUEREMOS COMIDA BOA PARA ENCHER A NOSSA BARRIGA! *(Aplausos.)* Chega de carne moída e macarrão e feijão, e feijão e carne moída e macarrão até você sentir que este maldito mundo inteiro é feito só de carne moída e

feijão e macarrão – (*Aplausos.*)-- Talvez depois da nossa arrumação, esse lugar vai ser como o Reformatório Industrial que eles fizeram em Chillicothe. Um lugar onde os rapazes aprendem como ganhar a vida depois de sair! Onde ensinam ofícios pra eles e melhoram a educação deles! Não apenas onde são trancados em buracos sujos e onde pedem a Deus que eles morram pro Estado economizar um pouco de dinheiro!! (*Vozerio furioso.*) Hoje de noite a gente vai pra Klondike! – Lá tem três compartimentos! Um deles é um inferno pequeno, o outro é um inferno médio e outro é um INFERNO ENORME – Vocês sabem em qual deles o Butch O’Fallon vai ficar! – Então, se eu não amarelar de medo, rapazes, não amarelem vocês também! Era isso que eu tinha pra dizer.

VOZ: Tá certo, Butch.

OUTRA VOZ: Estamos com você!

CORO: Vamos vencer a Klondike! – Pode apostar que vamos! – Empurrar o Whalen contra a parede – (*Ouvem-se risadas nervosas e aplausos.*)

(*As vozes calam-se abruptamente sob uma sombra de medo.*)

MEX: (*Como uma reza monótona.*) Muerto – por nuestros pecados – rojo – de sangre es – el Sol!

BLACKOUT

Episódio 6

Locutor: “*Definição da Vida!*”

Um foco de luz sobre o escritório. JIM, voltado para o proscênio, fuma apoiado na escrivaninha, Entra EVA.

EVA: Olá, Jim.

JIM: É.

EVA: Lá fora está agradável. Um pouquinho mais fresco. – O que tem de errado com você?

JIM (*Sorrindo de modo estranho.*): Me pergunte o que é a vida, Eva. (EVA olha para ele e cruza o proscênio.) Me pergunte o que é a vida e eu vou dizer pra você.

EVA (*Tirando o chapéu.*): Não, querido.

JIM: Por que não?

EVA: Não, isso está me cheirando um epigrama ruim.

JIM (*Atirando o cigarro para longe.*): É um processo gradual de morte, isso é que é a vida!

EVA: Pior do que eu esperava.

JIM: É assim aqui dentro. Talvez seja algo mais do seu lado da cerca. Eu gostaria de descobrir, mas acredito que não vou ter essa oportunidade.

EVA (*Séria.*): A sua condicional? (JIM risca um fósforo e observa a chama.) Foi recusada?

JIM: Ainda não, mas vai ser. Eu andei falando sobre ela com o Whalen.

EVA: Ah, você não devia ter mencionado esse assunto agora, quando ele está todo irritado por causa da greve de fome.

JIM: Eu não tinha intenção. O assunto surgiu de repente. Estou perdendo o controle. – o Butch me deu o apelido para o tipo certo de pássaro. Os canários nunca saem das suas gaiolas, não é, Eva?

EVA: Jim, não seja tolo!

JIM: Não, eles morrem dentro das gaiolas – cantando docemente até o dia do juízo final! Maldição!

EVA (*Escovando o chapéu.*): Por falar de pássaros – eu gostaria que os pombos fossem um pouquinho mais cuidadosos! Você não acha meu chapéu bonito, Jim?

JIM (*Sem olhar.*): É, extraordinário.

EVA: Eu comprei quando estava indo para casa. Eu me sentia um tanto alegre e irresponsável – sabendo que amanhã era o último dia, eu acho! Jim! (*Ela segura no braço de JIM. Ele desvia o rosto.*)

JIM: (*Aparentando medo.*): Se recusarem de novo desta vez, eu nunca mais vou ter outra chance.

EVA: Por que não?

JIM: Porque eu vou explodir! – Partir em pedaços! No momento, eu estou no meu limite!

PÁG. 126 A 130

EVA: Não seja um tão tolo, Jim.

JIM: Você sabe como tem sido. Odiado como veneno por dez anos. Por todos, menos ele. Trabalhando pra ele e o odiando tanto todo o tempo que isso me deixou doente até o talo só de olhar pra ele! Dez anos sendo sua marionete. Jimmy, meu garoto, faça isso, faça aquilo! Sim, senhor, sim, Sr. Whalen! -- minhas mãos ansiando agarrar aquele pescoço vermelho e gordo dele e estrangular até ele ficar sem ar. Essa é uma das razões por que elas tremem tanto. E aqui vai outra. Ficar aqui de pé, na janela, olhando pra fora, vendo as ruas, os prédios, o movimento do tráfego, as luzes apagando e acendendo, e eu preso aqui, nestas paredes, trancado dentro nelas, tão apertado que é como se estivesse debaixo da terra em um caixão com tampa de vidro através da qual eu pudesse ver o mundo lá fora! Enquanto eu sinto os vermes entrando lentamente no meu corpo...

EVA: Não. Não seja tolo. (*Atravessa da frente do palco até a janela.*) Está gostoso lá fora. Refrescou.

JIM: Você já disse isso antes.

EVA (*Sorrindo, com desespero.*): Bem, isso ainda é verdade. Está havendo um festival em *South Bay*. Eu corri como uma criança e montei uma zebra!

JIM: É?

EVA: Tem dois lugares na zebra, Jim. Um na frente, outro atrás -- mês que vem nós vamos montar juntos!

JIM (*Subitamente desabando.*): Eva! Eva! (*Cobre o rosto.*)

EVA (*Correndo até ele.*): Eu te amo!

(*Pausa.*)

JIM (*Com a voz sufocada.*): Que lugar é este? Pra que serve? Por que, por quê? Os juízes dizem culpado. Mas o que é culpado? O que a palavra significa, afinal? É engraçado, mas eu não sei. (*Ele pega o dicionário.*) Procure no Dicionário Webster. Que diz ele? “Responsável por cometer um crime.” Mas por que responsável? O que significa responsável? A quem já foi dada uma chance? Quando eles juntam todas as pequenas moléculas de que somos feitos, eles perguntam educadamente a cada uma delas o que vai ser – homem rico, homem pobre, pedinte, ladrão? Meu Deus, é claro que não! É tudo acidental. E ainda assim o juiz fala, “Jim, você é culpado!” (*Ele*

arremessa o dicionário ao chão.) Este livro não presta mais. Precisamos de um novo, com novas definições.

EVA: Não diga mais nada... eu não vou deixar você! (*Ela o beija.*)

JIM: Como isso aconteceu entre mim e você?

EVA: Eu não sei.

JIM: Essa é a peça mais suja que eles já pregaram na gente.

EVA: Não diga isso!

JIM: Nós não podemos ter um ao outro. Nunca vamos **poder**, Eva.

EVA: Nós podemos!

JIM: Onde?

EVA: Em algum lugar.

JIM: Como? EVA: Eu não sei como. JIM: Nem eu.

EVA: Mas no mês que vem...

JIM: Não haverá mês que vem!

EVA: Haverá, oh, haverá, tem que haver!

JIM: Por quê? Por quê?

EVA: Porque eu te amo tanto que vai acontecer do jeito que eu quero que aconteça!

JIM: Por que você me ama?

EVA: Por que qualquer coisa existe na terra? Eu não sei o porquê.

JIM: Nem eu...

(Eles se agarram em êxtase torturante. BLACKOUT. As luzes voltam quando o telefone toca.) JIM: Certo! Eu digo pra a ele. *(Ele desliga o telefone.)*

EVA: Quem era?

JIM: Schultz. Eles não vão comer.

EVA: O que ele vai fazer?

JIM: Ele já tem as instruções do Whalen. Eles vão pra Klondike às sete.

EVA *(Hesitando.)*: Eu não estarei aqui amanhã.

JIM: Não?

EVA: Estarei nos escritórios dos jornais. E na Prefeitura. Em qualquer lugar onde as pessoas possam ouvir!

JIM: Você acha que eles vão ouvir em qualquer lugar, Eva?

EVA: Eu vou fazer com que eles ouçam!

IM: E depois disso o que você vai fazer? Sem emprego?

EVA: Eu apenas tenho que esperar três semanas. E então eu vou ser *sua* responsabilidade, Jim!

JIM: Deus ajude que você esteja certa.

EVA: Eu estou! Sei que estou! *(WHALEN entra.)*

DIRETOR: Olá! Aqui ainda, Jim?

JIM: Sim, senhor. Schultz ligou. Eles não vão jantar.

DIRETOR: Bem... ele tem minhas instruções. JIM: Sim, ele disse que tinha.

DIRETOR (*Rabiscando num papel.*): Leve isto até a central telefônica e passe para todas as estações. JIM: Isso significa que...? DIRETOR: Não importa o que significa. Apenas leve lá. E ande logo! JIM: Sim, senhor.

(JIM sai.)

DIRETOR (*para EVA*): De volta ao trabalho, hein?

EVA: Sim, senhor.

DIRETOR (*Arrotando e retirando o paletó.*): Eu deveria ter te falado pra trazer algumas coisas com você.

EVA: Que coisas?

DIRETOR: Sua camisolinha de seda e outras coisas.

EVA: O que o senhor quer dizer? DIRETOR: Quarentena! Começou uma epidemia! Esta noite vão aparecer vinte e cinco casos de uma febre bem alta então eu coloquei este lugar em quarentena – ninguém vai sair até a epidemia acabar.

EVA: Eu não posso ficar aqui.

DIRETOR (*Ocupado com papéis.*): Claro que pode. Minha mulher vai te arrumar um quarto. Você vai ficar bem confortável aqui.

EVA: Não, eu não vou fazer isso.

131

DIRETOR: Você não tem escolha neste assunto.

EVA: Não tenho?

DIRETOR: Não, não vou correr o risco de qualquer interferência externa enquanto esta confusão estiver acontecendo. É minha responsabilidade, vou continuar a cuidar da minha responsabilidade. Então, como precaução de rotina, eu mandei que os barcos não levem mais passageiros pra dentro ou pra fora da ilha sem a minha permissão especial.

EVA: Acho que o senhor está excedendo a sua autoridade.

DIRETOR: Não, você está errada. Em situações de emergência eu posso fazer o que bem eu quiser. Me diga – com o que você está preocupada?

EVA (*Amedrontada.*): Eu –

DIRETOR: Eu sei. Nós todos estamos sob tensão nervosa nos últimos dias. Eu mesmo estou com gás no estômago. Aqui. (*Ele serve uma dose de whiskey.*)

EVA: Não, o senhor tem bebido demais. Receio que tenha afetado o seu senso de julgamento. O senhor precisa saber que não pode continuar com uma situação como esta!

DIRETOR: Ei – olhe aqui!

EVA (*Agitada.*): Eu não sou prisioneira – sou livre pra sair e fazer o que bem entender – o senhor não pode me impedir!

DIRETOR: Agora olhe aqui!

(Ela agarra o telefone.)

EVA: Riverside 3854 Oeste! Riverside 3854 – *(Ela percebe que o telefone está desligado.)*

DIRETOR: As ligações pra fora não podem ser completadas. Você está desperdiçando seu tempo.

EVA: Então eu – eu *estou* presa aqui dentro!

DIRETOR: Você está temporariamente detida na ilha – e é melhor fazer o melhor que puder!
(Serve outra dose.)

EVA: Ai!

DIRETOR: Ora, agora o que está errado com você?

EVA: Não sei por quê, mas estou muitíssimo assustada.

DIRETOR *(Em tom consolador.)*: Você está nervosa demais. Você não tem que se preocupar com nada.

EVA: O senhor! Estou com medo do senhor! *(Ela se afasta dele.)*

DIRETOR: De mim? Por que você haveria de estar com medo de mim?

EVA: Eu estou, aliás. Estou morrendo de medo do senhor. O senhor tem que me deixar ir embora, não consigo mais ficar aqui com o senhor, Sr. Whalen.

DIRETOR: Ora, ora.

EVA: Não, não me toque! Por favor.

DIRETOR: Você está histérica, Eva.

EVA: Estou!

DIRETOR *(Num tom de voz baixo e cativante.)*: Minha esposa também tem uns ataques como esse – essa coisa de “não me toque”.

EVA *(Afastando-se.)*: É?

DIRETOR: Eu conheço um bom tratamento pra isso, que sempre funciona. Agora, mocinha, você precisa se acalmar. Relaxe. Você está agitada demais a troco de nada. Você está tensa, percebe? Os seus nervos e os seus músculos estão todos muito duros.

EVA: É verdade... *(Ela quase desmaia, num misto de exaustão e nervosismo – a voz dele tem um efeito hipnótico.)*

DIRETOR: Humm. Agora, quando a minha esposa fica assim, eu – eu esfrego os meus dedos de cima a baixo do pescoço dela – muito, muito suavemente – até que toda a tensão desapareça...

EVA *(Fechando os olhos.)*: Sim...

DIRETOR *(Com olhar lascivo.)*: ... e então eu –

(EVA suspira como se estivesse adormecida.)

DIRETOR: Eva? – Eva? *(Ele se levanta e abre a porta do quarto interno, depois hesita --) (Toca o telefone.)* Pelo amor de Deus, o que é isso agora? Alô? O quê? Vou descer imediatamente! – *(Desliga o telefone – com a voz baixa e cativante, embriagado.)* Você me espere aqui, mocinha, vou voltar logo pra cá! Sim, senhor... *(Veste o paletó desajeitadamente e sai.)*

(EVA respira fundo quando a porta bate – lentamente ela se recupera. A porta externa se abre – EVA grita – entra JIM.)

EVA: Jim! Jim! (JIM *ampara-a com os braços.*) Me tire daqui, por favor, *por favor*, me tire daqui! (*Ela soluça descontroladamente.*)

JIM: Controle-se! (*Sacode EVA.*) Controle-se.

EVA: Estou tentando, Jim.

JIM: Respire fundo. Aqui – perto da janela.

EVA: Certo!

JIM: Está vendo aquelas luzes ali à frente?

EVA: Estou!

JIM: Aquele é o Lorelei que está voltando. Fique quieta de verdade e vai conseguir ouvir a música. (*EVA se apóia nele – ouve-se a música ao longe.*) Está melhor agora?

EVA: Estou. Obrigada, Jim.

JIM: O que aconteceu? Mas fale com bastante calma e tente não se agitar tanto.

EVA: Ele me falou que eu – eu estou presa aqui! Não posso sair! Não sei por que, mas isso me deixou muitíssimo assustada de repente. Os olhos dele, Jim, o jeito que ele me olhou, Jim – eu tive a sensação que algo terrível ia acontecer –

JIM: Agora fique calma!

EVA: Sim, imagino que sou muitíssimo covarde.

JIM: Não, você tem mais coragem do que eu.

EVA: Ele – ele chegou muito perto de mim – e a voz dele – foi como se me fizesse adormecer.

JIM: E ele --?

EVA: Não! Ele só abriu aquela porta. E então tocou um sino – eu ouvi como se estivesse a quinhentos quilômetros de distância!

JIM: Um sino?

EVA: Acho que chamaram ele lá em cima. Ele saiu daqui e eu – eu teria pulado pela janela se você não tivesse chegado naquela hora!

JIM: Lá fora não tem nada além de água.

EVA: Eu nem me importei. Eu só queria sair de qualquer maneira.

JIM: Você vai sair.

EVA: Com você, Jim? Você vai me levar?

JIM: Vou. Dentro de pouco tempo. Você não está sentindo que as paredes estão chacoalhando? Eles não vão conseguir aguentar muito mais tempo. Muita coisa está fervendo dentro deles – ódio, tortura, loucura, fúria! Eles vão estourar tudo dentro em pouco e nós estaremos livres!

136

EVA: Eu quero estar com você quando isso acontecer! Eu quero que você me abrace desse jeito... assim, quando os muros começarem a cair, eu não vou ser esmagada por eles, Jim.

JIM: Nós estaremos juntos.

EVA: Onde?

JIM: Me encontre esta noite no canto a sudoeste do pátio.

EVA: Nós vamos estar a salvo lá?

JIM (*Em um sussurro.*): Está escuro. Ninguém poderia nos ver.

BLACKOUT – FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

Episódio 1

Locutor: “Manhã do dia 15 de agosto!”

Um foco de luz no escritório. O diretor está ao telefone. Durante os episódios seguintes, o teatro quase que constantemente ouve-se o suave silvo de vapor sob pressão, saindo dos radiadores...

DIRETOR: Schultz? Como está a temperatura lá embaixo agora? 52? Qual o problema? Sobe pra 54,5! O Butch O’Fallon está no nº 3, né? Ok, põe 57 lá e não diminua até que eu te dê instruções. Ei! Fechou as janelas do corredor? Bom. Deixe elas fechadas e eles que gritem até se esgoelarem!

NÃO SERÁ DE ROUXINÓIS
RASCUNHO 01 OUT

(BLACKOUT. *Um foco de luz na Klondike. A cela de tortura é vista através de um scrim para dar um efeito de névoa ou vapor à atmosfera. Os homens estão esparramados no chão, respirando pesadamente, sem as camisas, a pele brilhante de suor. Uma luz de teto brilha intensamente sobre eles. As paredes são nuas e têm um brilho úmido. Ao longo delas há radiadores dos quais sobem nuvens sibilantes de vapor sob pressão.*)

JOE (*Tossindo.*): Que horas são?

BUTCH: Mas que Diabo, como eu vou saber?

SWIFTY (*Lamuriando.*): Água... água.

JOE: Fico imaginando se estamos aqui a noite toda.

BUTCH: Claro que estamos. Tô conseguindo ver a luz do dia pelo buraco.

JOE: Quanto tempo você ficou da outra vez?

BUTCH: Trinta e seis horas.

JOE: Cristo!

BUTCH: É. E a gente acabou de completar só umas oito.

SWIFTY: Água!

BUTCH: Ei! Cê sabe o quê... o que a velha criada disse pro ladrão quando ela... ela encontrou ele tentando arrombar o cadeado no...

JOE: Sei. (*Ele tosse.*)

BUTCH: Cê deve saber alguma nova.

JOE: Não. Nenhuma nova, Butch.

BUTCH: Então conta alguma antiga, cacete! Não fiquem todos aí deitados como se tivessem esperando pra morrer. Vamos animaressa festa! Cantem, cantem! Vocês sabem algumas boas canções, Rainhazinha, você tem uma voz! Venham, seus filhos da mãe! Ponham alguma animação nisso! Cantem, cantem alto, rapazes! (*Ele canta de maneira rouca e selvagem.*)

Pack up your troubles in yuhr ole kit bag and (Junte seus problemas em sua velha bolsa de viagem e)

(*Os outros juntam-se a ele, com voz debil...*)

Cantem alto! Cacete, cantem bem alto!

What's the use of worrying? (Para que se preocupar?)

It never was worthwhile! (Isso nunca serviu pra nada!)

(*Joe tenta cantar... e subitamente se dobra em dois, numa explosão de tosse.*)

SWIFTY (*Com um grito alto e angustiado.*): Água! Água! Água! (*Ele soluça.*)

(*Um alto e estridente assobio de vapor sai dos radiadores, à medida que a pressão neles é aumentada.*)

RAINHA (*Num misto de horror e fúria.*): Eles estão aumentando o calor! Oh, meu Deus, por que eles não param agora? Por que eles não deixam a gente sair? Oh, Jesus, Jesus, por favor, por favor, por favor! (*Ele soluça alto e cai no chão.*)

SWIFTY (*Debilmente.*): Água -- água...

NÃO SERÁ DE ROUXINÓIS
RASCUNHO 01 OUT

BUTCH: É. Eles tão aumentando o calor. Claro, eles tão aumentando o calor. Cê não sabe que tá na Klondike? Ah, de que adianta, seus bebês chorões. Ceis querem ficar a vida toda chupando tetinha de açúcar? Vamos, gente, canta aí --

I'm forever blowing BUBBLES! (Estou sempre soprando BOLHAS!)

Pretty bubbles in the -- AIR! (Lindas bolhas no -- AR!)

SHAPIRO: Não há nada pra se fazer sobre isso, nada mesmo. Eu venho de um povo que está acostumado a sofrer. Isto não é nada de novo. Está no meu sangue sofrer perseguição, miséria, fome, morte.

SWIFTY: Água.

SHAPIRO (*Resmunga em ídiche, e continua.*): Minha cabeça está cheia, cheia. Dói aqui. Já está quebrada, talvez. Rose? Rose? Você sabe, a propriedade em South Maple Street -- está tudo no seu nome, minha querida -- seja cuidadosa -- não faça maus investimentos --

JOE (*Tossindo.*): Me deixem ficar no buraco de ar.

RAINHA: Você tá pegando todo ele!

JOE: Cê não vê que eu to morrendo sufocado? (*Ele tosse.*)

(*O vapor assovia mais alto.*)

BUTCH (*Levantando-se.*): A gente tem que sistematizar esse negócio. Parem de lutar pelo buraco de ar. O único ar que serve pra respirar é o que tá saindo de lá. A gente tem que fazer turnos pra respirar nele. Tamos aqui faz umas dezesseis horas. Pode ser que a gente fique mais umas dez, vinte, trinta.

JOE: Cristo!

RAINHA: A gente não vai conseguir!

BUTCH: Se a gente se organizar, consegue. Fiquem perto do chão, em um círculo em volta da parede. Cada um vai ter a sua vez. Quinze segundos. Talvez mais tarde dez segundos ou cinco. Eu conto. E quando um cara não agüentar -- ele tiver acabado -- ele já era -- -- a gente empurra ele pra fora da fila -- isso aqui não é um pronto socorro -- é a Klondike... e por Deus do céu -- alguns de nós vão vencer Não é? Não é, Joe?

JOE: É.

Pág 141

BUTCH: Bom, vamos começar então.

SWIFTY: Água!

BUTCH: Coloca o garoto aqui primeiro. (*Empurram o corpo inerte de SWIFTY para o buraco de ar.*) Respira! Respira! Respira, seu desgraçado, respira! (*Levanta SWIFTY pelo colarinho -- olha para seu rosto.*) Não, não adianta. Acho que agora ele está fazendo uma trilha de cinzas entre as estrelas!

RAINHA: Ele não está morto! Ainda não! Ele está inconsciente, Butch! Dá uma chance pra ele!

BUTCH (*Num tom inexorável.*): Coloquem ele fora da fila. (*Enquanto as luzes esmaecem...*) Vem vocês -- Shapiro -- Joe --

(*Tema musical: "I'm Forever Blowing Bubbles". FADE.*)

DIM OUT

Episódio 2

Locutor: “Noite de 15 de agosto!”

Um foco de luz sobre o escritório. O DIRETOR está ao telefone.

DIRETOR: Você escutou eles fazendo o quê? Cantando! Bom, dá pra eles uma boa razão pra cantar! 60? Aumenta pra 63 no compartimento do Butch! Pode apostar que eu quero eles lá dentro a noite inteira. Não, deixe as janelas fechadas. Água? Deixa que eles produzam a própria água!

(BLACKOUT. Um foco de luz na Klondike. SWIFTY jaz ao centro, com uma camisa sobre o rosto. As vozes estão roucas, a respiração mais difícil. JOE tosse desesperadamente. Os aquecedores assobiam alto.)

BUTCH: Tão esquentando mais! Fiquem abaixados! Fiquem abaixados! *(RAINHA soluça descontroladamente. SHAPIRO resmunga em úidiche.)* Joe! Olha! Eu trouxe comigo! *(Retira uma navalha do cinto.)*

JOE: Esse é um jeito de sair.

BUTCH: Talvez o Chefe desça aqui pra olhar a gente.

JOE *(Tossindo.)*: Não, ele não vai.

BUTCH: Talvez o Schultz venha. Ou o Canário. *(Levanta.)* Schultz! Schultz! Não, sem chance, ele é covarde demais pra botar a cara dele aqui dentro! Mas se ele vier – *(Soa um apito.)* Escutou isso? É o sinal da hora de fechar! Nós já fizemos vinte e quatro horas, Joe. A gente só tem mais vinte pra terminar!

JOE: Como você sabe quanto tempo vai ser?

BUTCH: Eles não vão querer matar a gente!

JOE: Por que não? *(Ele tossi.)*—É a sua vez, Butch.

BUTCH: É, se mexa, Rainha!

RAINHA: Não! Me deixe respirar. *(BUTCH arranca RAINHA do buraco de ar. SHAPIRO grita alguma coisa em úidiche. RAINHA continua levantando e cambaleando.)* Eu tenho que sair daqui! Me deixa sair, me deixar sair! *(Esmurra a parede, em seguida cambaleia na direção dos radiadores.)*

BUTCH: Fica longe dos radiadores! *(RAINHA cambaleia diretamente para dentro da nuvem de vapor – grita – cai no chão.)* Ele se escaldou vivo. *(RAINHA grita e soluça.)* Para com isso! Seu desgraçado – *(Agarra o pescoço de RAINHA e arremessa sua cabeça contra o piso.)* Pronto!

JOE: Butch – você matou ele.

BUTCH: Alguém já devia ter feito esse favor pra ele muito tempo atrás. *(SHAPIRO resmunga em úidiche.)* Você já escutou aquela sobre – os negros na igreja? “ – Rastus, ela fala – Não, ele fala – Mandy – Mandy, quanto tempo o pastor –“

(DIM OUT. Um foco de luz no escritório. WHALEN está ao telefone.)

DIRETOR: Schultz? Qual é a temperatura lá embaixo no compartimento do Butch? 66? Bom! Deixa assim até você receber mais instruções – Vou ficar no meu escritório até meia noite e se acontecer alguma coisa –

(FADE OUT. *Um foco de luz na Klondike. SHAPIRO, RAINHA e SWIFTY estão mortos, deitados no centro. BUTCH e JOE, ofegando, estão agachados juntos em frente ao buraco de ar.*)

JOE: Butch –

BUTCH: Fala.

JOE: Você sabe aquela navalha –

BUTCH: O que tem ela?

JOE: Usa ela em mim! Rápido! Eu quero acabar com isto!

BUTCH: Aguenta, Joe. Você consegue.

JOE: Não, eu não consigo, Butch. Eu estou morrendo sufocado. Não agüento mais.

BUTCH: Respira.

JOE: Não tem mais ar entrando, BUTCH.

BUTCH: Tem ar – respira, Joe.

JOE: Não...

(BUTCH levanta o rosto e sacode JOE.)

BUTCH (*Com voz rouca.*): Seu desgraçado, não brinca assim! Fica comigo, Joe! Nós podemos derrotar a Klondike! (JOE ri, em delírio. BUTCH continua a falar e se levanta.) Desliguem esses malditos aquecedores!! Você aí, seu desgraçado, desliga o calor!! (*Cambaleia na direção dos radiadores.*) Parem com isso, tão me ouvindo? Parem com esse SHSHSH! SHSHSH! (*Imita o som do assobio.*) Eu vou desligar vocês, seus filhos da puta! (*Ele pula sobre os aquecedores e luta com eles como se fossem um adversário humano – tenta controlar o vapor com as mãos – fica escaldado – grita, agoniado – afasta-se com o rosto contorcido, apertando as mãos.*) SHSHSH! SHSHSH! SHSHSH! (*Como louco, imita o assobio.*)

JOE: Por Cristo, Butch, desse jeito não vai adiantar. Você ficou maluco. Qual é a vantagem? (BUTCH cambaleia de volta à passagem de ar.)

BUTCH: Joe! Ei, Joe! Swifty! Você aí, Rainha! Shapiro! (*Puxa um dos corpos.*) Vamos cantar! Vamos cantar juntos alguma coisa! Vamos cantar alto! Alto!

For-tune`s always hid-ing! A for – tuna tá sempre se escond -- dendo!

Por que vocês não cantam alguma coisa, seus desgraçados! Vamos lá – cantem! Cantem!

I looked ev`rywhere --! Eu procurei por todo lugar --!

(*As luzes esmaecem enquanto a música completa os versos finais de “Bubbles”.*)

DIM OUT

Episódio 3

Locutor: “O canto a sudoeste do pátio!”

Palco escuro e silêncio total por vários momentos. Em seguida --

EVA: Jim!

JIM: Aqui!

EVA: Estou atrasada. Não pude evitar.

JIM: Shhh!

EVA (*Baixando a voz.*): A esposa dele não está na ilha. Ela saiu esta tarde. Não posso ficar naquele lugar com ele, Jim, eu não posso!

JIM: Shhh. Não fale.

EVA: O que eu vou fazer, Jim? O que eu vou fazer?

JIM: *Não fale!* Não é seguro. Eles podem ouvir a gente. Eva --

(*Pausa. O fecho de luz de um holofote move-se sobre eles.*)

EVA: Jim! Estão movimentando a luz!

JIM: Shhh! Fique abaixada!

(*A luz desaparece.*)

EVA: Oh, graças a Deus.

JIM: Ora!!

EVA: Você nunca nem mesmo disse que me amava.

JIM: Eu te amo.

EVA: Oh, Jim... Jim! (*Uma longa pausa.*)

JIM: A luz de novo! (*Ela circula mais baixo agora e para diretamente em cima deles.*) Cristo! Continua abaixada!

EVA: Jim!

JIM: Engatinhe! Não, por ali! Rápido!

(*A luz subitamente se move para baixo, e ilumina em cheio o rosto de EVA. Ela grita. Uma sirene soa. BLACKOUT. Um foco de luz ilumina o escritório. JIM e EVA estão lá com um Guarda. WHALEN entra.*)

DIRETOR: O que é isto?

GUARDA: Parece que o Canário virou um periquito, Sr. Whalen.

DIRETOR: Ah!

GUARDA: Ouvi um barulho no canto a sudoeste do pátio. Parecia uma voz de garota. Joguei a luz e... lá estavam eles!

DIRETOR: Ah! Fazendo o quê?

GUARDA: Bem, eles não estavam colhendo margaridas.

DIRETOR: Ah! (*Para EVA.*): Você, agora há pouco ficou histérica aqui. Opôs-se porque não havia dama de companhia na casa. Depois você corre lá pra fora como uma cadela no cio e --

JIM (*Avançando.*): Pare!

DIRETOR: Ah!

JIM: É fácil dizer coisas como essa quando tem uma arma nas minhas costas.

NÃO SERÁ DE ROUXINÓIS
RASCUNHO 01 OUT

DIRETOR: Abaixei a arma. (*Ele pega uma mangueira de borracha do corredor.*) É decepcionante o que acontece quando você deposita confiança demais nas pessoas erradas. Tira seu casaco.

EVA: Não, o senhor não pode fazer isso com ele. Eu não vou admitir. Não foi culpa dele. Eu pedi pra ele me encontrar lá fora. Porque eu estava com medo. Com medo do senhor! Com medo deste lugar horrível onde o senhor nos trancou! E agora o senhor vai nos deixar sair! Vai deixar nós dois sairmos agora! Antes que eu grite! Eu vou fazer com que o mundo todo saiba o que está acontecendo aqui!

DIRETOR: Agarrem essa garota!

JIM (*Pulando na direção deles.*): Deixe ela ir!

(*WHALEN vergasta JIM com a mangueira. Ele cambaleia na direção do chão, cobrindo o rosto. EVA grita e luta.*)

DIRETOR: Levem ele daqui!

GUARDA: Pra onde?

DIRETOR: Klondike! Joguem ele lá com o Butch O'Fallon! Eles são mesmo bons amigos! (*Ele ri.*) (*O guarda sai arrastando JIM.*) Bem, Eva... (*Eva vira o rosto bruscamente.*) Eu lamento por tudo isso. Sinceramente. O que eu acabei de dizer -- esqueça aquilo! Você provavelmente não parou pra pensar sob que pressão eu tenho estado. Não é fácil ser o cabeça de uma instituição como esta. Eu tenho cuidado dela como eu teria cuidado de qualquer outra coisa. Da melhor maneira que eu sei. Algumas vezes -- estou te falando a verdade, garota -- fico tão cansado das coisas que eu tenho que fazer e ver feitas... que me dói olhar pro rosto da minha garotinha e ouvir quando ela me chama de -- papai! (*Ele se serve de uma bebida.*) Aqui. Tome uma, também. (*Ele está respirando pesadamente e, no momento, fala com total sinceridade.*) Talvez tenha acontecido alguma coisa comigo aqui. (*Ele toca na cabeça.*) Algumas vezes, eu não me sinto mais o mesmo. Terrível, terrível! Homens lá embaixo sujeitados agora à uma tortura horrível! Mas o que posso fazer a respeito? Tenho que manter a disciplina -- lidando com criminosos -- não há outra maneira -- Pegue sua bebida.

EVA: Obrigada. (*Ela pega o copo.*)

DIRETOR: Eu posso ver a situação de duas maneiras. Poderia ser um negócio sério. Você mesma confessou -- você se lembra do que disse, você -- fez com que Jim te encontrasse lá fora no pátio -- Agora estou inclinado a ter a mente aberta sobre tais coisas -- essas discrepâncias no relatório para o comissariado... (*Ele encolhe os ombros e sorri.*) -- Coisas como essas -- sérias, algumas vezes -- pelo menos eles podem ver dessa maneira --

151

EVA: O que o senhor está querendo dizer, Sr. Whalen? O senhor quer dizer que iria -- tentar me acusar de --!

DIRETOR: Não, não, não! (*Um sorriso insinuante.*) Não até você me forçar a isso.

EVA: O que o senhor quer?

DIRETOR: O que qualquer homem quer? O que o Jim quis, o que você deu pra ele? -- Solidariedade!

EVA: Oh.

DIRETOR: Desse jeito poderia ser bem simples. Nós todos estamos nervosos, estressados, exaustos! -- Solidariedade! Todos nós precisamos disso!

EVA: Oh. O que o senhor vai fazer com o Jim agora?

DIRETOR: Bem –

EVA: Eu o amo! O senhor provavelmente não entende como isso aconteceu entre nós – Ele tem direito à condicional no próximo mês.

DIRETOR: Eu sei, eu estou com a carta na minha escrivaninha.

EVA: Que carta?

DIRETOR: Recomendando que Jim seja solto! É claro que depois disto –

EVA: O senhor não vai mandar a carta?

DIRETOR: Bem –

EVA: Suponhamos que eu – eu me solidarize – como o senhor diz – e – fique de boca fechada e qualquer coisa a mais que o senhor quiser! O senhor mandaria a carta? O Jim receberia a condicional?

DIRETOR: *(Sorrindo.)* Por que não? *(Ri com delicadeza.)* Veja como é fácil endireitar as coisas!

EVA: O senhor mandaria essa carta agora?

DIRETOR: Agora? Agora já está – bem tarde –

EVA: O barco do correio sai às onze e quarenta e cinco. O senhor poderia mandar a carta com ele. Não se preocupe. Eu não vou dar pra trás. Agora não estou mais com medo do senhor. Gosto do senhor – eu gostaria de lhe mostrar o quanto!

(O DIRETOR retira a carta da gaveta e toca o sino. Entra um dos guardas.)

DIRETOR: Coloque isto no correio.

GUARDA: Sim, senhor. *(Retira-se.)*

DIRETOR: A minha cabeça está doendo, dói o tempo todo – minha esposa me abandonou – a garotinha também – *(Abre a porta para o quarto anexo.)* Nós todos estamos nervosos e cansados, exaustos! Não estamos? Sim – *(Direciona EVA enquanto a luz esmaece.)*

DIM OUT

Episódio 4

Locutor: “O Confronto Final”

Um foco de luz na Klondike. BUTCH está deitado junto à passagem de ar. Os corpos dos outros estão empilhados no centro – BUTCH aparenta estar inconsciente. Ouvem-se vozes no corredor. Lentamente BUTCH levanta a cabeça, torna-se tenso.

SCHULTZ *(Quando a porta se abre.)*:-- fazendo amor com a secretária do Chefe lá no pátio – imagine só! *(BUTCH vira-se rapidamente e finge estar inconsciente.)* Caramba! Que fedor! Ei – Chick! Venha aqui! O maldito do vapor está tão denso que eu não consigo ver nada. Me dê aquela lanterna –

CHICK: Pra mim tá parecendo que – Jesus! Eles tão *duros*!

SCHULTZ: Duros! Você quer dizer –

CHICK: Assados! Assados vivos! Deus todo poderoso! Eu não sabia que uma coisa dessas tava acontecendo aqui dentro.

SCHULTZ: Boca fechada! Quantos são? (*Durante a conversa, BUTCH levanta-se lentamente e coloca-se em posição de ataque.*) Me dê a lanterna! Shapiro, Joe – Swifty – Rainha – Cadê o Butch?

BUTCH (*Pulando*): Aqui! Aqui! (*Agarra SCHULTZ pelo pescoço.*)

(*JIM ataca CHICK. Um tiro é disparado; JIM arranca o revólver do guarda.*)

JIM: Joguem suas armas!

BUTCH (*Libera SCHULTZ lentamente.*): Ah! Você! O Canário!

SCHULTZ (*Inseguro.*): Bom trabalho, Jim!

JIM: Eu quis dizer você, Schultz! Levante as mãos! Butch – tire as chaves dele!

BUTCH (*Sorri, aos poucos.*): Ah – ah! (*Agarra as chaves.*)

SCHULTZ: O que é isto?

JIM: Butch – deixe os rapazes saírem! Estamos indo pra cima!

BUTCH: Certo!

SCHULTZ: Você vai pagar por isso! Cada filho da mãe de vocês vai! O que você vai fazer, Jim?

JIM: Entrar em algum lugar agradável, Schultz! E vocês vão SUAR!

(*JIM se retira, batendo a porta. SCHULTZ corre até a porta, esmurra-a e grita. BLACK OUT. O palco fica escuro por um momento. Ouve-se o silvo comprido de uma sirena. Um foco de luz no escritório do DIRETOR. WHALEN sai do quarto anexo – escuta, tenso com o alarme. – A porta do escritório se abre – entra JIM.*)

DIRETOR: Jim!

JIM (*Com as roupas rasgadas e ensangüentadas durante a surra de pouco tempo atrás.*): É! Algumas vezes até o inferno é arrombado e os amaldiçoados são libertados!

DIRETOR: O que aconteceu – lá em baixo? (*Dá alguns passos para trás – aperta a cigarra de um alarme.*)

JIM: Não adianta apertar isso aí. Não tem ninguém do outro lado.

DIRETOR: Eles fugiram da -- Klondike?

JIM: Fugiram. Todos eles, menos quatro. Quatro não fugiram porque estão mortos – mas eles mandaram suas recomendações pra você, Chefe, eles querem ser lembrados!

DIRETOR: Como você arranjou isso? (*Aponta para o revólver.*)

JIM: Ataquei as munições!

DIRETOR: O que aconteceu com o Schultz?

JIM: Se meteu em problemas lá em baixo, está trancado na Klondike, fazendo companhia aos rapazes mortos – Os outros guardas estão trancados no bloco das celas. Saia do caminho. (*Retira um revólver da escrivaninha.*) Onde está a garota?

DIRETOR: Ela – foi embora.

JIM: Você tem certeza disso.

DIRETOR: Tenho – por quê?

JIM: Aqui não é um lugar seguro pra se ficar agora.

DIRETOR: Olhe aqui, Jim –

JIM: Qual é o problema? O senhor não me parece bem.

PÁG 156 A 160

DIRETOR: Eu faço um trato com você -- onde estão os -- rapazes?

JIM (*Virando o polegar na direção do chão*): Esperando lá fora no portão. Eu queria ter certeza de que a garota não estava aqui, antes de deixar eles entrarem.

DIRETOR: Não! Você não pode fazer isso!

JIM: Claro. Eu sou o comitê de boas vindas. Eu tenho as chaves.

(*Ouve-se homens gritando do lado de fora. EVA aparece à porta do quarto anexo.*)

JIM: Eva!

EVA: Jim, não faça isso, Jim! Não precisa... Ele escreveu uma carta pedindo sua condicional, ele já a mandou!

DIRETOR: É verdade, Jim. Eu acabei de fazer isso, porque ela --

JIM: Porque ela -- o quê? (*Ele olha para os dois.*) Oh! Volta lá pra dentro, Eva. (*O Chefe começa a segui-la. JIM o puxa de volta.*) Não, você fica aqui fora! EVA: Jim! (*Ele a força a entrar e tranca a porta.*)

DIRETOR: Jim, você vai trocar a sua liberdade condicional pela cadeira elétrica?

JIM: Claro. Vale a pena. Eu não esqueci.

DIRETOR: Esqueceu... o quê?

JIM: Vinte e um dias no Buraco. O Dr. Jones.

DIRETOR (*Seguindo-o até a porta.*): Depois daquilo eu fui seu amigo!

JIM: Eu não fui o seu!

DIRETOR (*Quase gritando.*): Eu fui bom pra você depois daquilo, Jim!

JIM: Eu ainda tenho a sua assinatura nas minhas costas! Agora temos um novo carrasco esperando lá fora com o chicote -- Butch O'Fallon!

DIRETOR: Não! Jim! Jim!

(*JIM sai – o rugido dos homens cresce à medida que portas são abertas. O diretor arqueja e se atira detrás da mesa -- Homens entram como uma matilha de lobos e encostam-se às paredes.*)

BUTCH (*Disparando entre os outros homens.*): Cadê ele?

DIRETOR: Butch!

BUTCH (*Como um cego.*): Ali! Eu sinto o cheiro dele agora! (*Os dois ditadores estão cara a cara pela primeira vez. Ouve-se tiros dispersos no lado de fora, e uma luz bruxuleia através das janelas, como o reflexo de chamas.*) Há muito tempo tem sido nós dois -- você aqui dentro -- eu lá fora -- Mas agora estamos -- juntos, finalmente -- É um prazer, focinho de porco, conhecer

NÃO SERÁ DE ROUXINÓIS
RASCUNHO 01 OUT

você! DIRETOR: Escutem aqui, rapazes -- O'Fallon -- Jim -- Eu faço um acordo com todos vocês -- Vocês têm que se lembrar que -- eu tenho o exército dos Estados Unidos na minha retaguarda!

BUTCH (*Rindo e se aproximando dele.*): Você tem essa parede na sua retaguarda -- Onde está o Doutor?

PRESO: Aqui! (*Ele arranca a mangueira de borracha da parede e a entrega para BUTCH.*)

BUTCH: Isso!

DIRETOR: Não! Pensem nas conseqüências! Não sejam idiotas! (*BUTCH o acerta com a mangueira.*)

DIRETOR (*Encolhido no chão.*): Pare! Sou um homem de família! Eu tenho esposa! Uma filha! Uma pequena... garotaaaa! (*A palavra final vira um grito de angústia quando BUTCH se inclina sobre ele com o chicote, batendo com fúria demoníaca até que ele perde os sentidos.*)

(*Ouve-se a sirene de um barco que se aproxima.*)

PRESO: O que é isso?

UM OUTRO: Canhoneira!

UM OUTRO: Soldados!

UM OUTRO: Eles tão desembarcando!

UM OUTRO: Apaguem as luzes!

(*A sala mergulha em total escuridão, exceto pelo estranho oscilar das sombras das chamas nas paredes. Os homens começam um apavorado êxodo da sala.*)

VOZES: Vamos descer lá -- lutar com eles -- Soldados! -- Nem pensar -- Sem chance mesmo! -- Vocês querem voltar pra Klondike? -- Lutar! -- Claro, lutar! -- A gente não tem mais nada a perder! (*Nomes são gritados... portões batidos... ouve-se tiros de metralhadoras.*)

(*O barulho se torna distante, como em um sonho... a sala está quase em silêncio, com exceção da remota, triste lamentação da sirene que continua indefinidamente (como a voz da danação nos portões do palácio).*)

JIM: O que você fez com ele?

BUTCH: Joguei a carcaça chorona dele pela janela.

JIM: Na água?

BUTCH: É. Direto lá pra baixo.

JIM: Butch -- nós temos uma chance por ali.

BUTCH: Nadar por lá? Não, eu não. Eu não sei nadar. Além disso, são quase oitocentos metros até a praia, e difícil como o inferno.

JIM: O que você vai fazer?

BUTCH: Ficar aqui e lutar.

JIM: Acho que vou tentar a sorte na água.

BUTCH (*Lentamente estende a mão*): Boa sorte. Eu estava errado sobre você.

JIM: Obrigado.

NÃO SERÁ DE ROUXINÓIS
RASCUNHO 01 OUT

BUTCH (*Tirando um anel.*): Aqui. Tinha uma garota chamada Goldie no Salão de Danças *Paradise*, na rua *Brook*, a oeste da *balsa*. Se você por acaso encontrar ela, entrega isso -- E diga que eu -- eu guardei ele -- esse tempo todo.

JIM: Claro, Butch. Eu faço isso, se conseguir --

BUTCH (*Indo para a porta.*): Adeus.

(Um rápido tiroteio e gritos distantes são ouvidos do lado de fora. JIM destranca a porta do quarto anexo.)

JIM: Eva.

(EVA sai lentamente -- cai soluçando no ombro dele.)

JIM: Não chore!

EVA: Não. Não vou chorar. Seria inútil. Jim, você tinha razão quanto à exibição pirotécnica!

JIM: Fique longe da janela!

EVA (*Num misto de histeria e alegria*): É adorável, não é, Jim?

JIM: Sim, adorável como o inferno!

EVA: O que fizeram com ele? -- Whalen?

JIM (*Aponta para a janela.*): Os peixes vão ficar com indigestão.

EVA: Jim! Você já pensou no que vai ganhar por isto?

JIM: Nada. Eles não vão ter chance de fazer nada.

EVA: O que você vai fazer?

(SOUND CUE: *música ao longe.*)

JIM: Tem água depois daquela janela. Eu posso nadar.

EVA: Não, Jim, não existe uma chance dessa maneira.

JIM: Uma chance? O que é isso? Eu nunca ouvi falar disso! (*Enquanto fala, aproxima-se lentamente da janela que dá para o mar.*) _Está ouvindo isso? Essa música! É --

EVA: O Lorelei!

JIM: O Lorelei -- (*Ele arranca o paletó.*) Agora eu desdigo aquelas coisas indelicadas que eu disse!

EVA: O que você vai fazer?

JIM: Nadar e pegar uma carona!

EVA: Você não pode, Jim -- Eles vão trazer você de volta -- Eles não vão deixar você sair!

JIM: Eles nunca vão me ver.

EVA: Por quê?

JIM: Não me pergunte porquê! Vai haver uma corda ou alguma coisa pendurada na lateral. Ou se ele não for muito alto, vou me agarrar na amurada! Como? Não me pergunte como! Este é o momento pras coisas inesperadas, pra milagres, pra aventuras desenfreadas como nos livros de história!

EVA: Oh, Jim, você não vai ter uma chance dessa maneira!

NÃO SERÁ DE ROUXINÓIS
RASCUNHO 01 OUT

JIM: Quase uma chance! Ouvi dizer de pessoas que se saíram bem numa tentativa com poucas chances de sucesso. E se eu não conseguir – pelo menos vou estar do lado fora!

EVA: Oh, Jim, eu gostaria de viver com você lá fora. Nós poderíamos encontrar um lugar onde os holofotes não pudessem apontar os dedos pra nós quando nos beijássemos. Eu te daria o tanto que você nunca teve. Amor passageiro é difícil. Ele resulta num prazer tão pequeno. Juntos nós poderíamos ter noites compridas, sem paredes. Ou sem paredes de *pedra* – Eu conheço o lugar! Um acampamento turístico ao lado da estrada, Jim, com caminhões grandes retumbando ao lado a noite inteira – mas projetando apenas sombras através das persianas! Eu tocaria a pedra de que você é feito, Jim, e o tornaria apaixonado, tão apaixonado, tão perdidamente apaixonado que o seu amor produziria em todo o meu corpo uma cicatriz que tempo algum poderia curar! – Oh, Jim se nós pudéssemos nos encontrar desta forma, em algum tempo determinado, algum lugar decidido agora, onde pudéssemos nos amar em segredo, e ficarmos apaixonados, protegidos, sem medo das coisas – Poderíamos esquecer isto tudo como se tivesse sido um sonho! – Onde seria esse lugar? Quando, Jim? Me fale antes de partir!

JIM: Rápido! Ele já está quase perto o suficiente! Tire esse sapato!

EVA: *(Tirando os sapatos dos pés dele.)* Sim, Jim! Mas me diga onde?

JIM: *(Subindo no parapeito.)*: Procure nas colunas de fofocas!

EVA: Jim! – Adeus! *(Ele se atira pela janela.)* – Adeus...

(O som da música vinda do Lorelei se intensifica. Sombras de labaredas iluminam as paredes. Ouve-se gritos e passos. Entram soldados, correndo.)

UM *(Acendendo uma luz.)*: Uma garota –

DOIS: É a secretária do Diretor!

TRÊS *(Atravessa o recinto para chegar até ela.)*: Está tudo bem agora, senhorita. -- *(Para os outros guardas.)* Ela está em choque, não consegue falar – Alguém dê alguma coisa pra ela beber.

UM: O que ela está segurando?

TRÊS: Um par de -- sapatos!

UM: De quem são esses sapatos? O que ela está fazendo com eles?

EVA: *(Olhando para a janela com um ligeiro sorriso.)* Eu peguei os sapatos em algum lugar. Não consigo me lembrar onde.

(A luz esmaece, com exceção de um ponto sobre EVA, agarrada aos sapatos de JIM. A música vinda do Lorelei continua crescendo enquanto um cordão de luzes coloridas passa defronte à janela. DIM OUT.)

ALTO FALANTE: Ah, aqui está ela! Vocês podem ver agora, senhoras e senhores. Aqui está a Ilha! Um tanto encoberta esta noite. Vocês enxergariam melhor se houvesse lua. Aquelas paredes são à prova de dinamite, à *prova de fugas* -- Três mil e quinhentos homens trancados lá dentro -- alguns deles vão ficar aí até o dia do juízo final – *(Música.)* – Ah, lá está a orquestra! Temos dança no deque superior, senhoras e senhores, dançando – dançando...

(Aumenta o volume da música.)

FIM